

**Faculdade Canção Nova**

Cássia Duarte Leal

**O Rosário da Virgem Maria como via de espiritualidade para a vida cristã**

**Cachoeira Paulista  
2021**

**Faculdade Canção Nova**

Cássia Duarte Leal

**O Rosário da Virgem Maria como via de espiritualidade para a vida cristã**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Teologia na Faculdade Canção Nova sob a orientação do prof. Dr Pe. Roberto Marcelo da Silva.

**Cachoeira Paulista  
2021**

Dedico este trabalho à minha família, ao meu querido esposo Ronald, aos meus filhos Thays, Thamyris, João Paulo e Thaysa, que tanto contribuíram para que eu chegasse até aqui, por toda compreensão, apoio e por me incentivarem a perseverar nos momentos mais difíceis. A todos que colaboraram direta ou indiretamente pela realização deste sonho. Aos meus professores do curso de Teologia, particularmente ao meu orientador Dr. Pe. Roberto Marcelo da Silva, por todo carinho e palavras de incentivo.

Finalmente, agradeço à minha querida Rainha, a Virgem Maria. Foi ela que, com sua intercessão me conduziu a trilhar este caminho na divulgação do santo Rosário. Como São João Paulo II, quero exclamar: “*Totus tuus*”!

“O Rosário é a minha oração predileta. Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e na profundidade. [...] Desejo elevar ao Senhor meu agradecimento com as palavras de sua Mãe Santíssima, sob cuja proteção coloquei meu ministério petrino: *Totus tuus!*” (João Paulo II, 2002, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*).

## RESUMO

Este trabalho visa analisar a importância do Rosário da Virgem Maria na vida cristã. Pressupondo que a figura de Maria ocupa lugar privilegiado no mistério de Cristo e da Igreja e é acolhida pelo *sensus fidei*, pretende-se adentrar no contexto histórico do Rosário. Coube a Domingos de Prússia o mérito da propagação do saltério mariano, que futuramente transformar-se-á no Rosário tal qual é conhecido nos tempos modernos. Verifica-se a importância da Virgem Maria na espiritualidade da Igreja. O Rosário é assimilado como compêndio do Evangelho, é oração cristocêntrica em que se contemplam os mistérios da vida de Cristo. O Magistério o confirma, pois há pontífices da Igreja Católica que expuseram considerações estimulando a prática do Rosário, dentre os quais, destaca-se João Paulo II na Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*. A virgem Maria predestinada desde a eternidade ganhou destaque no Vaticano II e é modelo de virtudes para a Igreja e Mãe da evangelização.

**Palavras-chave:** Rosário; Virgem Maria; Mistério de Cristo; Domingos de Prússia; vida cristã.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O ROSÁRIO DA VIRGEM MARIA	8
1.1 Contexto Histórico do Rosário da Virgem Maria	8
1.2 A importância da espiritualidade mariana	15
1.3 O Rosário, compêndio do Evangelho	19
2 FONTES DO MAGISTÉRIO	26
2.1 Os papas e o Rosário da Virgem Maria	26
2.2 A Virgem Maria no Concílio Vaticano II	33
2.3 A Carta Apostólica <i>Rosarium Virginis Mariae</i>	38
3 O PAPEL DA VIRGEM MARIA NA VIDA CRISTÃ	43
3.1 O papel da Virgem Maria na vida cristã	43
3.2 As virtudes de Maria, um modelo para a Igreja	47
3.3 Maria, Mãe da evangelização	50
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	56

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar o Rosário como via de espiritualidade para a vida cristã. A iniciativa parte do interesse da autora pela mariologia, mais especificamente, por sua experiência com a devoção do Rosário da Virgem Maria que a acompanha há muitos anos. Partindo da sua experiência com a devoção, a autora pretende incrementar um maior interesse, particularmente por parte dos membros da Igreja Católica Apostólica Romana para a promoção do Rosário da Virgem Maria. Para tanto, esta monografia se utilizará de revisão bibliográfica e documental mediante leitura sistemática de textos afins.

Sendo a mariologia parte integrante e importante da Teologia, pretende-se fundamentar tal tema discorrendo sobre o lugar que a Virgem Maria ocupa no Mistério de Cristo e da Igreja. Honrada desde os remotíssimos tempos, o culto à Virgem encontra sua expressão nas festas litúrgicas e na oração mariana, onde o santo Rosário, assimilado como compêndio do Evangelho, ocupa lugar de destaque. Verifica-se então, o quanto Maria está fortemente inserida na devoção popular, tornando-se oportuno, percorrer a evolução, e aprofundar os momentos históricos do Rosário. Na propagação do santo Rosário, destaca-se São Domingos de Prússia e os seus frades pregadores. Para narrar mais detalhadamente os escritos do santo, pretende-se recorrer a obra de Frei Nicolau Días, frade dominicano reconhecido pela hagiografia portuguesa e brasileira como produtor de obras religiosas, das quais se destaca o Livro do Rosário de Nossa Senhora. Em seu livro, Frei Nicolau demonstra a importância do culto do Rosário no século XVI. Compreende-se então, que a espiritualidade mariana floresceu espontaneamente no seio da Igreja desde os tempos remotos. Com o desabrochar da espiritualidade mariana o fiel pode então, fazer uma entrega voluntária a Maria, com disposição interior, e o desejo de imitar suas virtudes. Neste sentido, atesta-se que a prática desta devoção pode colaborar para que os fiéis vençam os desafios da vida cristã, pois na recitação do Rosário, contemplam-se os mistérios da vida de Jesus. Na contemplação destes mistérios, mergulha-se nos Evangelhos, nos gestos, milagres e palavras de Jesus, faz-se uma experiência de fé com Sua pessoa. O fato de contemplar cada mistério da vida Cristo, meditando-os calmamente, fez com que o Rosário fosse assimilado como compêndio do Evangelho. Há pontífices que expuseram considerações sobre esta devoção, foram emitidas várias bulas papais e cartas apostólicas das quais se destaca a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* de João Paulo II. Marco importante na Igreja, que merece ser ressaltado neste estudo, ocorreu por ocasião do Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição

Dogmática *Lumen gentium*, em seu oitavo capítulo. Na constituição, elaborou-se uma síntese mais ampla e autorizada da doutrina católica sobre a Mãe do Senhor. Finalmente, a fim de analisar o papel de Maria na vida cristã, percebe-se a importância de voltar o olhar ao papel que a Mãe de Deus desempenha na economia da salvação, em como suas virtudes devem ocupar a vida do cristão, pois ela é modelo de santidade e Mãe da evangelização.



## 1 O ROSÁRIO DA VIRGEM MARIA

### 1.1 Contexto Histórico do Rosário da Virgem Maria

A Virgem Maria ocupa um lugar privilegiado no mistério de Cristo e da Igreja. De fato, suas palavras, como que uma profecia, ecoam no coração dos fiéis: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (cf. Lc 1, 48). A piedade da Igreja para com a Santíssima Virgem é intrínseca ao culto cristão. Ela é honrada desde remotíssimos tempos, o culto prestado a ela encontra sua expressão nas festas litúrgicas “e na oração mariana, tal como o Santo Rosário, resumo de todo o Evangelho” (CIC 971). Verifica-se assim, que Maria está fortemente inserida na piedade popular, sempre presente na alma e no coração dos fiéis, desperta neles, também externamente, expressões e manifestações religiosas. A Virgem Maria é destacada na Escritura e na Tradição da Igreja, é estudada nos seus mistérios pelos teólogos, mas também é experienciada pelos simples, pelo *sensus fidei*. Em suas expressões de fé para com a Mãe de Deus, o povo não está detido a conceitos, mas à sua presença real e perceptível. (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1069). Segundo González (1990), Maria é acolhida na devoção do povo cristão e a piedade popular constitui um ponto positivo para evangelizar e manter acesa a fé. A Igreja acolhe a riqueza da piedade popular sem discriminá-la como enfatizou João Paulo II em sua homilia no santuário de Nossa Senhora de Zapopán:

[...] A fé e a devoção a Maria e seus mistérios pertencem à identidade própria destes povos e caracterizam a sua piedade popular. Esta piedade popular não é por força um sentimento vago, destituído de sólida base doutrinal como se constituísse forma inferior de manifestação religiosa. Quantas vezes é, pelo contrário, como que a expressão verdadeira da alma dum povo, ao ser tocada pela graça e forjada pelo encontro feliz entre a obra de evangelização e a cultura local. [...] Assim, guiada e sustentada e, dando-se o caso, purificada pela ação constante dos pastores, e exercida diariamente na vida do povo, a piedade popular é verdadeiramente a piedade dos “pobres e simples”. (JOÃO PAULO II, 1979, n. 2).

Neste diálogo amoroso e espiritual com Maria, os fiéis consideram-na como uma Mãe, o povo a sente intuitivamente, encaram-na como dom concedido por Deus.

Compreendem-na como alguém que manifesta em coração que é humano, a força do amor infinito de Deus. Maria está próxima da história do homem, compartilhou do sofrimento humano, viveu com profundidade a tragédia humana e por isso, tornou-se conforto e esperança dos cristãos – os homens sentem-se impelidos a invocá-la sob o título de consoladora dos cristãos, pois sabem que encontram nela uma Mãe atenta às suas aflições.

Verifica-se assim, que o santo Rosário é a devoção mariana popular por excelência, expressão admirável feita de meditação e de repetição serena de palavras (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1070).

Ao analisar a história desta devoção percebe-se seu desenvolvimento ao longo do tempo. No início era composto por apenas três mistérios: gozosos, dolorosos e gloriosos e descrito como Rosário ou saltério da beatíssima Virgem Maria. Repetia-se a saudação angélica cento e cinquenta vezes “tantos quantos são os salmos do saltério de Davi, intercalando a cada dezena a oração do Senhor, com determinadas meditações que ilustram toda a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1137). Em sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Marie* o sumo pontífice João Paulo II (2002) acrescentaria os mistérios luminosos como o temos até a presente data.

Os momentos históricos e a evolução do Rosário transcorreram entre os séculos XII e XVI. A prática da recitação da ave-maria difundiu-se no Ocidente no começo do século XII, embora a saudação angélica já fosse conhecida na cristandade antes deste século. Os saltérios dos pais-nossos ou das ave-marias recitados nos mosteiros substituíam o saltério bíblico para os monges analfabetos e de pouco estudo. Nesta época, a ave-maria era conhecida e recitava-se somente a primeira parte evangélica que continha a saudação do anjo Gabriel e a benção de Isabel. O nome de Jesus e o Amém final foram introduzidos somente no final do século XV quando se difundirá o uso da recitação do Santa-Maria. Quanto à distribuição das orações, o saltério dos pai-nossos era subdividido em três grupos de cinquenta. O saltério era então recitado pelos monges conversos e pelos leigos devotos com cadências diurnas a modo de liturgia das horas. Em 1586, Pio V prescreveu-o com a publicação do breviário e, posteriormente, entrou no Rosário a “Santa-Maria”, se bem que com algumas exceções. (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1137).

Posteriormente, o cartuxo Henrique de Kalkar (séc. XIV) fez uma subdivisão no saltério das ave-marias dividindo-o em 15 unidades, ou seja, em 15 dezenas, inserindo entre cada dezena a recitação do pai-nosso. Foi mais ou menos neste período que se difundiu a lenda, sobretudo por Alano de la Roche O.P, de que o Rosário teria sido instituído por São Domingos. Constata-se que há certa veracidade histórica no teor desta lenda, pois o saltério mariano acha-se documentado antes de S. Domingos (1170-1221). Na propagação do Rosário, São Domingos e os seus frades pregadores usaram essa forma popular de oração (DE FIORES; MEO, 1995, n. 1137). O fato também pode ser confirmado pelas confrarias Marianas fundadas por São Pedro de Verona, discípulo de São Domingos e pela grande

influência que tais associações tiveram na divulgação da devoção à virgem Maria:

[...] A simples repetição litânica das ave-marias e dos pai-nossos ainda não incluía a meditação dos mistérios. O primeiro documento que dá testemunho da tentativa de unir a recitação das ave-marias com a meditação dos principais mistérios evangélicos remonta ao séc. XV. No período entre os anos de 1410 e de 1439, Domingos de Prússia, cartuxo de Colônia, proporá aos fiéis uma forma de saltério mariano, em que o número das ave-marias era reduzido a 50, acrescentando-se, porém, a cada uma delas uma referência verbal e explícita a um acontecimento evangélico, sob a forma de cláusula ou refrão mnemônico que encerrava a própria ave-maria. Dessas cláusulas, organizadas por Domingos de Prússia, 14 referiam-se à vida oculta pré-apostólica de Cristo, 6 à sua vida pública, 24 à sua paixão e morte, e as 6 restantes à glorificação de Cristo e de Maria, sua mãe. (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1137 e 1138).

Atribui-se então, a Domingos de Prússia, o mérito de haver iniciado de forma renovada o saltério mariano, que futuramente transformar-se-á no Rosário tal como é conhecido nos tempos modernos. No século XV houve proliferação de inúmeros saltérios desse gênero com variações de acordo com cada região. O dominicano Alano de La Roche (1428-1478), contemporâneo de Domingos de Prússia, difundirá de maneira extraordinária o saltério mariano, que a partir deste período começará a ser chamado “Rosário da bem-aventurada Virgem Maria” principalmente pelas pregações e confrarias marianas por ele fundadas. Nesta nova fase o próprio Alano de La Roche falará de Rosário velho e Rosário novo a fim de estabelecer a distinção entre “o simples saltério das ave-marias e o saltério incorporado na meditação dos mistérios, propostos comumente em divisão tríplice (encarnação, paixão e morte de Cristo e gloria de Cristo e de Maria)” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1138). Com a difusão entre o povo cristão, o Rosário foi simplificado posteriormente pelo dominicano Alberto de Castelo (1521), que o reduziu, escolhendo apenas 15 mistérios que julgou serem necessários à meditação dos devotos do saltério mariano.

Segundo Cordeiro (2017), percorrer o a obra de Frei Nicolau Días (1573) – Livro do Rosário de Nossa Senhora – é fundamental para melhor compreensão da propagação do Rosário. Em seu livro, Días apresenta a devoção como instrumento que traz à memória do fiel os mistérios da salvação.

González (1990) acentua que o Rosário teve várias formas ao longo da história. Na realidade, originalmente, o intuito era fazer uma catequese de Maria e desta forma combater a heresia albigense.

Mas, segundo Cordeiro (2017), a reflexão de Frei Nicolau (1573) possibilita a compreensão e análise dos elementos utilizados para a promoção da devoção à Virgem

Maria e, conseqüentemente, do seu Rosário. A partir de um encontro com o Papa Pio V (1566-1572), também conhecido como papa do Rosário, Dias publica a primeira edição do Livro do Rosário de Nossa Senhora no ano de 1573, em Lisboa, Portugal. No cenário de tal época (séc. XVI), “a Igreja Católica empreende ações da Reforma Católica na perspectiva de conquistar a hegemonia que havia perdido no campo religioso europeu, com o surgimento das diferentes denominações protestantes” (CORDEIRO, 2017, p. 13). Desta forma, Frei Nicolau Dias (1573), demonstra em sua obra, a importância do culto do Rosário no século XVI. O frade dominicano utiliza-se da narrativa hagiográfica, ferramenta conhecida e utilizada pela instituição católica na defesa dos valores e diretrizes do reformismo católico. Tal ferramenta é também utilizada para legitimar e formalizar a prática devocional desta oração. Nesta época, a prática do Rosário já era difundida pela Ordem dos Pregadores enquanto signo do pertencimento e da religião católica. Frei Nicolau Dias, não somente a promoveu em seu Livro do Rosário de Nossa Senhora (1573), como também se posicionou na defesa da Igreja Católica e dos princípios e crenças da ordem dos dominicanos. Os dominicanos eram distinguidos e sobressaiam-se no campo religioso com uma marca específica: o combate e a salvação das almas pela pregação da Palavra. E, desse modo, empreenderam ações em defesa das diretrizes da Ordem dos Pregadores e da Igreja Católica, a partir de livros religiosos.

Cordeiro (2017) cita que a obra de Frei Nicolau Dias (1573) se divide em quatro partes distintas. No primeiro livro, apresenta a devoção do Rosário de Nossa Senhora como algo muito importante e que pode gerar muitos frutos àqueles que se dedicarem a este santo exercício; destaca-se a origem e princípio do Rosário da Virgem Maria; quais foram os que primeiro começaram a usá-lo; e finalmente, verifica-se a antiguidade desta devoção que produziu frutos de santidade àqueles que dela experienciaram e a pregaram ensinando-a ao povo cristão. Segundo o autor:

As orações que compõem o Rosário, o Pai Nosso e a Ave Maria, são explanadas, de modo que cada conjunto de palavras das litânias seja explicado. Fr. Nicolau Dias se pauta numa narrativa que busca convencer o leitor da importância da devoção e do monopólio que os dominicanos possuem sobre o Rosário, no contexto em que uma nova ordem religiosa se apresenta no campo religioso, a Companhia de Jesus, e outras Ordens se destacam na promoção do Rosário, como a dos Cartuxos, afirmar que determinada devoção foi recebida das mãos da própria Virgem Maria pelo fundador de sua Ordem, São Domingos de Gusmão, seria uma forma de mostrar o poderio que a Ordem dos Pregadores, possivelmente, detinha sobre a devoção do rosário. No contexto da reforma católica, as confrarias foram renovadas e antigas devoções foram retomadas, entre elas, a do rosário. Desse modo, observamos, também, que Nicolau Dias busca adeptos à devoção e à confraria, com o apoio no simbolismo da Virgem do Rosário. (CORDEIRO, 2017, p. 49).

Segundo Cordeiro (2017), no segundo livro, Frei Nicolau Dias (1573) se dedica aos mistérios do Rosário e se expressa de tal forma a trazer ao leitor todo o respaldo bíblico-teológico que perpassa cada estação da oração. O Frei aborda cada mistério dos quais sobressaem a centralidade de Jesus Cristo expondo-os de forma bem didática. No terceiro livro – das indulgências – faz-se uma abordagem sobre as concessões papais e episcopais, concedidas aos devotos e praticantes desta devoção, especialmente os confrades; Cordeiro especifica as bulas papais e cartas expressas por Frei Nicolau Dias (1573) e ressalta que a maioria delas vinham acompanhadas de notas explicativas, na qual se abordavam os principais pontos apontados em cada documento apresentado. O quarto livro é dedicado aos milagres operados por Deus aos devotos do santo Rosário e apresenta as narrativas hagiográficas que se apoiam nas pessoas consideradas santas. Os milagres operados por intermédio da Virgem tornam-se instrumento de salvação e em sua narrativa, Frei Nicolau (1573) objetiva convencer o leitor sobre as virtudes desta devoção. Enfim, além de seu conteúdo, a obra é rica também, por caracterizar-se como um documento oficial da Igreja Católica, mais detidamente da Ordem dos Pregadores.

Neste cenário, percebe-se também uma grande conquista: o Rosário tornou-se expressão de força e de combate, sendo invocado nas ações políticas da Igreja. Com o Papa Pio V propaga-se com características de arma no combate espiritual contra os inimigos da Igreja. Fato que ocorre de maneira especial quando se conquista a vitória contra os Turcos na Batalha de Lepanto, em 1561. A Virgem do Rosário se tornou estandarte da missão católica, o Rosário símbolo católico e, “nas imagens, a Virgem era representada como soberana imperatriz do mundo, segurando o menino Jesus, desnudo, com sua mão esquerda, e o colar de contas na direita” (CORDEIRO, 2017, p.136). O Livro do Rosário de Nossa Senhora tornou-se modelo de devoção ao Rosário e à Virgem Maria e Frei Nicolau Dias (1573) foi primordial em se empenhar na construção de um discurso católico na defesa da instituição.

No Livro do Rosário de Nossa Senhora, o dominicano utiliza-se de símbolos para facilitar a compreensão dos fiéis: o jardim e a rosa, ambos ligados entre si. Ao comparar a Virgem Maria à rosa, o dominicano demonstra seu conhecimento acerca da cultura que o rodeia como também “sobre o conteúdo bíblico-teológico, no qual era comum que em festas marianas se benzesse e realizasse entrega de rosas às imagens da Virgem” (DIAS, 1573, p. 36-37, apud CORDEIRO, 2017 p. 139). A analogia da rosa com a figura de Maria

facilitaria a compreensão do fiel devoto na meditação da devoção do Rosário de forma metódica:

[...] O rosal tornando-se como símbolo da redenção cristã aparece em duas narrativas, nas quais o rosário constrói e reforça a analogia entre as orações vocais, recitadas com apoio do colar de contas mariano. A primeira narrativa abarca apenas a recitação da Ave Maria ou, para sermos mais específicos, a Saudação Angelical. Nela um monge simples e de idade avançada, como não conseguia aprender litanias complexas e difíceis, repetia constantemente a saudação proferida pelo Arcanjo Gabriel a Maria. Após sua morte, teria nascido um pé de rosas que lhe saía da boca, espaço corpóreo do qual saíam as “palavras proveitosas e devotas remetidas à Virgem. (CORDEIRO, 2017, p. 141).

Ao utilizar-se do símbolo do jardim constrói-se uma analogia com o Rosário; o dominicano pretende, desta forma, conduzir o leitor a relacionar o ato de meditar e recitar as litanias que o compõem, como um caminhar entre rosas:

[...] Assim os que começam a rezar esta devoção entram em um jardim e rosal espiritual: no qual há três ruas de coisas muito lindas, e para considerar. A primeira de gozos e contentamentos. A segunda de dor e sentimento. A terceira de glória. E em cada uma destas ruas há muitos e diversos passos, em que se pode ocupar a consideração, entretanto com a boca se disser o Pater noster e as Ave Marias”. (DÍAS, 1573, p. 87-88, apud CORDEIRO, 2017, p. 147).

Ao apresentar os nomes da devoção, Días declara que o primeiro e principal nome é Rosário, pois a Virgem Maria é, por analogia, contraposta à Roseira de Jericó (cf. Eclo 24). E ressalta a simplicidade da recitação da Ave Maria, fato que colaborou para que, tanto as pessoas mais simples, como as mais letradas, tivessem acesso a tal devoção. A analogia da rosa permitia expressar toda a beleza das orações recitadas no Rosário, especialmente a Ave Maria. Com as recitações das orações do Pai Nosso e da Ave Maria, formava-se um conjunto de rosas ou capela floral:

Era sobre a cabeça que a Virgem Maria colocava o conjunto de rosas que compunham a capela ou rosa, sendo o segundo nome da devoção do Rosário: Coroa de Nossa Senhora. O dominicano recorre, também, a narrativas hagiográficas para explicar o porquê de a devoção receber tal denominação, em alguns territórios europeus. Formadas por muitas rosas, as capelas e coroas florais eram construídas conjuntamente entre o devoto, aquele que ora, e a Virgem, receptora da oração, sendo que muitas vezes a mãe de Jesus, teria aparecido a alguns “[...] tomando da boca dos que rezavam o Rosário rosas brancas, e vermelhas, e fazer capelas e pô-las sobre as cabeças daquele que rezava, e outras vezes sobre a sua mesma cabeça” (DIAS, 1573, p. 40-41, apud CORDEIRO, 2017, p.144).

Assim, o fiel devoto é introduzido por este caminho de rosas, a figura de Maria era sinal distintivo de confronto e combate, além de ser invocada e percebida entre os fiéis como

advogada, e intercessora de todos, e em todas as necessidades. O Rosário, quando recitado com a devida atenção e consideração, operava graças na vida do fiel de tal forma, que lhe garantia colher grandes frutos na vida espiritual e crescer na virtude. Ao concluir seu discurso sobre os símbolos utilizados no Rosário, especificamente em seu discurso sobre o jardim de Nossa Senhora, Frei Nicolau (1573) expressou seu desejo de que o povo cristão assumisse a devoção como modelo e formalidade católica; os símbolos utilizados são instrumentos pedagógicos cuja finalidade seria a de reforçar o discurso construído acerca da devoção (CORDEIRO, 2017, p. 148).

Em sua análise sobre a obra de Frei Nicolau Dias (1573) Livro do Rosário de Nossa Senhora, Cordeiro esclarece que o dominicano reconhece que outros compuseram louvores e orações à Virgem Maria. Porém, declara que foi São Domingos que com o auxílio do Espírito Divino, pregou esta santa devoção:

[...] o primeiro que o começou a usar, e o pregou, e ensinou aos cristãos, foi o glorioso Padre São Domingos, pai e primeiro instituidor e fundador da Ordem dos Pregadores. O qual como era muito devoto da Virgem gloriosa Nossa Senhora, e por sua intercessão esperava alcançar grandes favores de Deus, pela Ordem que de novo fundava, para a conversão dos pecadores que tanto desejava, determinou de lhe fazer este serviço. (DIAS, 1573, p. 14 -15, apud CORDEIRO, 2017, p. 159).

Com a intenção de conferir destaque à devoção e à missão da Ordem dos Pregadores, Frei Nicolau Dias (1573) narra que a Virgem Maria teria visitado São Domingos e transmitido a ele a missão sagrada de pregar o Evangelho de Cristo e o seu Rosário:

[..] Pregando o glorioso Padre São Domingos em França com grande fervor, vendo que fazia pouco proveito na salvação das almas, queixava-se muito à Virgem gloriosa Nossa Senhora. Apareceu-lhe ela, e consolou-o dizendo, que se quisesse fazer muito fruto pregasse o seu Rosário porque mediante ele obraria Nosso Senhor muito fruto nas almas. O glorioso santo começou logo a pregar esta devoção com muito fervor (DIAS, 1573, p. 292, apud CORDEIRO, 2017, p.160).

Concluída a análise sobre o contexto histórico, à luz do Magistério, percebe-se que os fiéis podem colher excelentes frutos com esta devoção. O Rosário é considerado como remédio para os que sofrem, principalmente quando afastados da graça de Deus. Muitos destes filhos perdidos, podem ser reconduzidos à Igreja pelas mãos da Virgem Maria. Percebe-se que a devoção reaviva a chama da fé, centraliza o fiel na pessoa de Jesus Cristo capacitando-o a se conformar às normas e preceitos da Igreja. Quando recitado em família, traz harmonia ao lar. Compreende-se quão grande é a força desta devoção que a própria

Virgem Maria quis apresentar-se sob o título de Nossa Senhora do Rosário na aparição de Fátima. Na sexta aparição, em 13 de outubro de 1917, assim se expressa aos três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta: “Sou a Virgem do Rosário. [...] Continuem sempre a rezar o Rosário todos os dias” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 536).

Tais frutos proporcionam aos fiéis devotos de Maria aprofundarem sua fé nas promessas de Cristo: “Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á” (Mt 7, 7-8). Assimilado em toda sua riqueza, o Rosário pode colaborar para que a espiritualidade mariana seja ainda mais compreendida e amada na Igreja.

## **1.2 A importância da espiritualidade mariana**

Compreende-se que a espiritualidade mariana floresceu espontaneamente no seio da Igreja Católica desde os tempos remotos. Muitas vezes, eram os próprios fiéis que propunham formas e motivações desta espiritualidade ao magistério e aos teólogos. Maria sempre fez parte do itinerário espiritual da Igreja e do cristão, mas, particularmente, na comunidade cristã hodierna, “sente-se a necessidade de viver uma espiritualidade que esteja concentrada e centralizada no Espírito de Cristo” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 482). Segundo Tanquerey, o papel de Maria em nossa vida espiritual é extremamente importante, por isso todo fiel deve dedicar-lhe a devida devoção entregando -se a ela voluntariamente. Esta entrega voluntária parte da disposição interior que impele o cristão a desejar imitá-la nas suas virtudes. E para melhor atingir esse objetivo, o mais eficaz é praticar todas e cada uma das nossas ações por Maria, com Maria e em Maria. Com essas disposições interiores é que se deve recitar o Santo Rosário em sua honra (TANQUEREY, 2018, p. 114, 116). Com uma entrega progressiva à Virgem Maria o cristão sente-se impelido a viver numa total dependência a ela e, assim, ser levado mais facilmente a uma vida de total abandono a Deus.

Raniero Cantalamessa complementa esse pensamento quando afirma que “Maria é exatamente um dos meios privilegiados através dos quais o Espírito Santo pode guiar as almas e levá-las à semelhança com Cristo, exatamente porque Maria faz parte da Palavra de Deus, sendo ela mesma uma palavra de Deus em ação” (CANTALAMESSA, 2019, p. 143). Segundo o autor, em um sentido espiritual, o cristão pode receber Maria consigo como companheira e conselheira, sabendo que ela conhece melhor do que nós, quais são os planos



de Deus a nosso respeito. Maria é mestra incomparável e a escuta atenta às suas palavras trazem grande benefícios à vida cristã.

A Congregação sobre a educação católica nos diz que “em Maria, tudo é relativo ao homem, de todos os lugares e de todos os tempos. [...] A Virgem é o grande símbolo do homem que alcança as aspirações mais íntimas da sua inteligência, da sua vontade e do seu coração” (BAUM; ORTAS, 1988, n. 21). Segundo o documento, o homem contemporâneo atormentado por suas angústias, prostrado diante de seus limites e do enigma da morte, pode deparar-se com a Virgem Maria e nela espelhar-se. No que toca à espiritualidade mariana, a Igreja pretende levar seus filhos a viver uma fé sólida, encarnada na realidade eclesial e centrada no Cristo. Desta forma, o cristão pode vencer mais facilmente os desafios das realidades cotidianas em que está inserido. Pois, a devoção mariana, de modo algum, deve “gerar nos devotos uma indolente passividade diante das situações aflitivas e desagradáveis; ela é orientada na busca da promoção humana efetiva em todas as sociedades e para todas as pessoas” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 482).

Os desafios da vida cristã podem colaborar para o esvaziamento da fé e, conseqüentemente, ser um grande obstáculo à experiência com o sagrado. Ao falar sobre estes desafios, João Paulo II (1981), destaca as questões referentes à família. Assim se expressa o papa:

A família nos tempos de hoje, tanto e talvez mais que outras instituições, tem sido posta em questão pelas amplas, profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura. Muitas famílias vivem esta situação na fidelidade àqueles valores que constituem o fundamento do instituto familiar. Outras tornaram-se incertas e perdidas frente a seus deveres, ou ainda mais, duvidosas e quase esquecidas do significado último e da verdade da vida conjugal e familiar. Outras, por fim, estão impedidas por variadas situações de injustiça de realizarem os seus direitos fundamentais. (JOÃO PAULO II, 1981, n.1).

O papa João Paulo II (1981) acentua que o matrimônio e a família constituem um dos bens mais preciosos da humanidade. A Igreja pretende se empenhar em sua defesa e oferecer ajuda: às que vivem sua fidelidade aos valores constitutivos da vida familiar; àquelas que se encontram perdidas frente aos seus deveres; esquecidas do real significado da verdade sobre a vida conjugal; àquelas que estão impedidas por diversas situações de injustiça a realizarem seus direitos fundamentais. Eis a posição da Igreja:

Num momento histórico em que a família é alvo de numerosas forças que a procuram destruir ou de qualquer modo deformar, a Igreja, sabedora de que o bem da sociedade e de si mesma está profundamente ligado ao bem da família, sente de modo mais vivo e veemente a sua missão de proclamar a todos o desígnio de Deus

sobre o matrimônio e sobre a família, para lhes assegurar a plena vitalidade e promoção humana e cristã, contribuindo assim para a renovação da sociedade e do próprio povo de Deus. (João Paulo II, 1981, n. 3).

Neste sentido, a vivência do Evangelho de Jesus Cristo é fundamental para suscitar o desejo de acolher o projeto de Deus que lhes diz respeito. Quando a Palavra é acolhida e praticada no seio familiar, liberta das visões errôneas e de toda sedução que compromete a dignidade da pessoa humana. Infelizmente, muitos erros são disseminados pelos meios de comunicação social. O papa exorta que o uso frequente destes meios “põem sutilmente em perigo a liberdade e a capacidade de julgar com objetividade” (JOÃO PAULO II, 1981, n. 5).

O papa João Paulo II (1981) também ressalta a importância de recuperar a consciência dos valores morais, do sentido último da vida e dos seus valores fundamentais. Traz à luz a verdade sobre o real sentido da sexualidade humana mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos. A sexualidade humana não é algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa como tal. Ao realizar-se de maneira verdadeiramente humana, como parte integral do amor conjugal, o ato sexual com o qual homem e mulher se doam segundo os desígnios de Deus, numa total doação de si, podem os esposos abrirem-se generosamente à vida, acolhendo os filhos, dom precioso do matrimônio.

Outro desafio da vida familiar que se pretende destacar, refere-se à crise de fé. O documento *Instrumentum Laboris*, da III Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, aborda os desafios pastorais da família no contexto da evangelização e reflete sobre esse assunto. À luz do documento, compreende-se que o ideal de família tem sido assimilado de forma oposta ao que foi proposto pelo Criador. Ou seja: a família é entendida como uma meta inatingível e frustrante. Tal sentimento por parte dos cônjuges fundamenta-se na dificuldade na relação familiar, nas crises vividas em família, na falta de confiança recíproca, pelos conflitos gerados entre pais e filhos e vários outros fatores. Nestes casos há um progressivo desaparecimento da possibilidade de diálogo. A falta de partilha e transparência, e a falta de comunicação, faz com que cada membro da família enfrente suas dificuldades na solidão, sem fazer a experiência de sentir-se amado no seio familiar e, conseqüentemente, de amar. Sobretudo, a falta da experiência do amor paterno dificulta bastante a experiência para com o amor de Deus. O documento esclarece que:

A debilidade da figura do pai em muitas famílias gera fortes desequilíbrios no núcleo familiar e incerteza identitária nos filhos. Sem a experiência diária de amor testemunhado, vivido e recebido torna-se particularmente difícil à descoberta da

pessoa de Cristo como Filho de Deus e do amor de Deus Pai. (SÍNODO DOS BISPOS, 2014, n.64).

Estes e outros fatores colaboram para que a família se sinta totalmente desestruturada. Tal pensamento contrapõe a visão de que a família é um caminho possível, através do qual, cada casal tem a possibilidade de exercer sua própria vocação e missão. Desta forma, “quando os fiéis sentem este desamor, a crise no casal, no matrimônio ou na família muitas vezes e gradualmente transforma-se numa crise de fé” (SÍNODO DOS BISPOS, 2014, n. 62). Constata-se que diante de tal crise, o casal pode ser levado à falência do amor conjugal e consequentemente, da família; ou pode descobrir uma oportunidade para se renovar, descobrindo razões para confirmar sua união.

Crendo que a espiritualidade mariana desemboca na prática do Rosário, percebe-se o quanto esta devoção é oportuna e excelente arma contra os embustes lançados contra a família. O papa João Paulo II (2002), ao concluir sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, afirma que o Rosário, desde sempre, foi compreendido também como oração da família e pela família. Acentua que não se pode perder de vista que tal devoção é uma preciosa herança, uma oração que sempre foi amada pelas famílias cristãs. O papa assim se expressa:

A família que reza unida, permanece unida. O Santo Rosário, por antiga tradição, presta-se de modo particular a ser uma oração onde a família se encontra. Os seus diversos membros, precisamente ao fixarem o olhar em Jesus, recuperam também a capacidade de se olharem sempre de novo olhos nos olhos para comunicarem, solidarizarem-se, perdoarem-se mutuamente, recomeçarem com um pacto de amor renovado pelo Espírito de Deus. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 41).

O sumo pontífice João Paulo II (2002) comenta que muitos dos problemas da vida familiar derivam da falta de se comunicar, como dito anteriormente. Nos raros momentos em que podem estar juntos, os membros da família acabam por ser absorvidos pela tela da TV. A retomada da recitação do Rosário, neste caso, seria maravilhoso antídoto contra o isolamento, o individualismo e a conseqüente solidão no âmbito familiar, pois:

Retomar a recitação do Rosário em família significa inserir na vida diária imagens bem diferentes – as do mistério que salva: a imagem do Redentor, a imagem de sua Mãe Santíssima. A família, que reza unida o Rosário, reproduz em certa medida o clima da casa de Nazaré: põe-se Jesus no centro, partilham-se com Ele alegrias e

sufrimentos, colocam-se nas suas mãos necessidades e projetos, e d'Ele se recebe a esperança e a força para o caminho. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 41).

Segundo o papa João Paulo II (2002), os pais devem confiar o crescimento dos filhos à Virgem Maria pela recitação do Rosário. Ao promover o Rosário em família, os pais podem vencer todas as angústias e neutralizar os estragos causados pela tecnologia no seio familiar onde os *mass-media* e a globalização têm provocado uma visível distância cultural entre as gerações. Em sua árdua tarefa de educar, os pais também se deparam com o fascínio dos seus filhos pela sedução das drogas, o fascínio do hedonismo, das tentações da violência, fatos que provocam a falta de sentido e desespero. Portanto, acentua que:

Rezar o Rosário *pelos filhos* e, mais ainda, *com os filhos*, educando-os desde tenra idade para este momento diário de “paragem orante” da família, não traz por certo a solução de todos os problemas, mas é uma ajuda espiritual que não se deve subestimar. Pode-se objetar que o Rosário parece uma oração pouco adaptada ao gosto das crianças e jovens de hoje. Mas a objecção parte talvez da forma muitas vezes pouco cuidada de o rezar. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 42).

Para maior apreciação das crianças e dos jovens, o papa sugere aos pais que estimulem a oração do Rosário enriquecendo-a com atrativos simbólicos e práticos que favoreçam sua compreensão e valorização. Mas tudo deve ser feito sem perder de vista a sua estrutura fundamental. João Paulo II assegura que “se o Rosário for bem apresentado, [...] os próprios jovens serão capazes de surpreender uma vez mais os adultos, assumindo esta oração e recitando-a com entusiasmo típico da sua idade” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 42). Segundo o papa, o Rosário é uma oração ao mesmo tempo fácil e rica e deve ser redescoberta pela comunidade cristã. Com um coração dócil e aberto, o papa estimula a espiritualidade mariana que muito contribuiu para que o fiel devoto de Maria tenha um encontro com Deus, especialmente quando esta devoção tem seu ponto chave na recitação do Rosário.

Verifica-se que o Rosário pode ser assimilado como compêndio do Evangelho, pois em cada dezena meditada percorre-se passo a passo os mistérios salvíficos da vida de Cristo.

### **1.3 O Rosário, compêndio do Evangelho**

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2000), verifica-se certa curiosidade acerca da vida de Jesus. Grande parte de sua vida não consta nos Evangelhos, inclusive, não há relatos de boa parte de sua vida pública. Mas, o que consta nos Evangelhos foi escrito por homens que fizeram uma experiência de fé com a pessoa de Jesus Cristo, homens que viram,

traçaram seu mistério e o transmitiram – tal narrativa se desenvolveu desde sua natividade até sua morte e ressurreição. Toda a vida de Cristo é sinal de seu Mistério:

Por meio de seus gestos, de seus milagres, de suas palavras, foi revelado que “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Cl 2,9). Sua humanidade aparece, assim, como ‘sacramento’, isto é, o sinal e o instrumento de sua divindade e da salvação que ele traz: o que havia de ser visível em sua vida terrestre apontava para o mistério invisível de sua filiação divina e de sua missão redentora. Toda vida de Cristo é Revelação do Pai: suas palavras e seus atos, seus silêncios e seus sofrimentos, sua maneira de ser e de falar. Jesus pode dizer: ‘Quem me vê, vê o Pai’ (Jo 14,9); e o Pai pode dizer: ‘Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o’ (Lc 9,35). Tendo Nosso Senhor se feito homem para cumprir a vontade do Pai, os mínimos traços de seus mistérios nos manifestam ‘o amor de Deus por nós’. (CIC 515-516).

O Rosário da Virgem Maria é composto pela meditação dos mistérios da vida de Jesus. João Paulo II (2002) conclama o povo de Deus a rezá-lo constantemente e o apresenta como oração cristocêntrica. Os atos da vida terrestre de Jesus equivalem a seus mistérios e para reforçar a natureza cristológica dessa oração o papa instituiu os mistérios luminosos, enfatizando Sua vida pública. O pontífice acentua que o Rosário, na sobriedade dos seus elementos, concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica, da qual é quase um compêndio. Partindo dessa perspectiva, propõe a prática do Rosário como caminho de contemplação do mistério cristão. Ao recitá-lo, o cristão pode contemplar cada cena do Evangelho:

[...] Fixar os olhos no rosto de Cristo, reconhecer o seu mistério no caminho ordinário e doloroso da sua humanidade, até perceber o brilho divino definitivamente manifestado no Ressuscitado glorificado à direita do Pai. Contemplando este rosto, dispomo-nos a acolher o mistério da vida trinitária, para experimentar sempre de novo o amor do Pai e gozar da alegria do Espírito Santo. (JOÃO PAULO II, 2002, n.9).

Na contemplação de cada mistério salvífico, Maria torna-se modelo insuperável. De fato, segundo relatos dos Evangelhos, jamais houve quem pudesse experimentar tão profundamente os mistérios de Cristo. Com os olhos da carne, podia fixar-se com ternura no rosto do Filho. Mas também permanecia unida a ele com os olhos do seu coração. Desde que o envolveu em panos, recostando-o na manjedoura (cf. Lc 2,7), seu olhar jamais se separará d’Ele. Desta forma, aquela que “conservava todas as coisas no coração” (cf. Lc 2, 19) será Mestra e educadora para todos que a invocarem e desejarem meditar os mistérios do Cristo. A experiência de recitar o Rosário na presença de Maria não será uma repetição de fórmulas decoradas, mas um mergulhar na essência do Evangelho. E para que se chegue a este fim:

[...] A recitação do Rosário requer um ritmo tranquilo e uma certa demora a pensar, que favoreçam, naquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor, vistos através do Coração d'Aquela que mais de perto esteve em contacto com o mesmo Senhor, e que abram o acesso às suas insondáveis riquezas. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 12).

A Contemplação dos mistérios salvíficos exige que se recorde a vida inteira de Jesus, desde sua encarnação no seio da virgem até sua morte e ressurreição. Aprendemos dela, a recordar as obras realizadas por Deus na história da salvação. O fato de ocupar um lugar de destaque no plano da salvação lhe garante perfeita consonância com os mistérios do seu Filho. Em sua Encíclica *Redemptoris Mater*, João Paulo II (1987) destaca o plano universal de salvação do homem em Cristo:

O plano divino da salvação, que nos foi revelado plenamente com a vinda de Cristo, é eterno. [...] No mistério de Cristo, Maria está presente já “antes da criação do mundo”, como aquela a quem o Pai «escolheu» para Mãe do seu Filho. [...] Maria está unida a Cristo, de um modo absolutamente especial e excepcional; e é amada neste “Filho muito amado” desde toda a eternidade, neste Filho consubstancial ao Pai, no qual se concentra toda “a magnificência da graça”. (João Paulo II, 1987, n.7 e 8).

Cristo é o Mestre por excelência, o revelador e a revelação, porém, não há mestra mais experimentada que sua Mãe. E recorda o papel que Maria desempenhou por ocasião do primeiro sinal realizado por Jesus (cf. Jo 2, 5): “percorrer com Ela as cenas do Rosário é como frequentar a ‘escola’ de Maria para ler Cristo, penetrar nos seus segredos, compreender a sua mensagem” (JOÃO PAULO II, 2002, 14). Diante de cada mistério da vida de Jesus, ela convida-nos à obediência de fé Àquele que tudo fez por amor.

Na adesão aos mistérios salvíficos e sempre guiados por Maria, cada fiel pode configurar-se cada vez mais a Cristo (cf. Rom 8, 29; Fl 3, 10.21). Segundo João Paulo II:

No itinerário espiritual do Rosário, fundado na incessante contemplação – em companhia de Maria – do rosto de Cristo, este ideal exigente de configuração com Ele alcança-se através do trato, podemos dizer, “amistoso”. Este introduz-nos de modo natural na vida de Cristo e como que faz-nos “respirar” os seus sentimentos. A este respeito diz o Beato Bártolo Longo: “Tal como dois amigos, que se encontram constantemente, costumam configurar-se até mesmo nos hábitos, assim também nós, conversando familiarmente com Jesus e a Virgem, ao meditar os mistérios do Rosário, vivendo unidos uma mesma vida pela Comunhão, podemos vir a ser, por quanto possível à nossa pequenez, semelhantes a Eles, e aprender destes supremos modelos a vida humilde, pobre, escondida, paciente e perfeita”. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 15).

Sendo assim, “O Rosário transporta-nos misticamente para junto de Maria dedicada a acompanhar o crescimento humano de Cristo na casa de Nazaré” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 15). Seremos assim, educados e plasmados por ela, até que Cristo esteja plenamente formado em nós (cf. Gl 4,19). O papa explica que a devoção do Rosário é a mais perfeita de todas as devoções exatamente por configurar-nos a Cristo. Além do mais, é uma oração eficaz pois quando o recitamos, Maria intervém com sua intercessão como o fez nas Bodas de Caná (cf. Jo 2,3). Maria se faz porta-voz junto a Jesus em favor de todo o povo de Deus.

Ao analisar o Rosário como compêndio do Evangelho, João Paulo II (2002) estabelece uma profunda relação com a contemplação do rosto de Cristo. Por isso, recorda a confissão de Pedro ressaltando a intuição do apóstolo: “Não foram a carne nem o sangue quem te revelou, mas o meu Pai que está nos céus” (cf. Mt 16, 17). Neste episódio, Jesus revela a seus discípulos que é necessário a revelação do alto para adentrar no conhecimento verdadeiro daquele mistério.

Nesta Carta Apostólica, o papa também reflete a forma como o Rosário foi consolidado e confirmado pela autoridade eclesial, onde em sua estruturação original, foi adotado o número de 150 como o dos Salmos e foram selecionados apenas os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. Desta forma, João Paulo II considera que para intensificar a densidade cristológica do Rosário, seja oportuno a inserção dos mistérios da vida pública de Cristo entre o batismo e a paixão. No contexto destes mistérios contemplam-se aspectos da pessoa de Cristo como revelador definitivo de Deus – Jesus Cristo é “declarado Filho dileto do Pai no batismo do Jordão, anuncia a vinda do Reino, testemunha-a com as obras e proclama suas exigências. É nos anos de sua vida pública que o mistério de Cristo se mostra de forma especial como mistérios da luz” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 19).

Desta forma, pontua-se com excelência a necessidade da inserção dos mistérios luminosos:

Para que o Rosário possa ser considerado mais plenamente “compêndio do Evangelho”, é conveniente que, depois de recordar a encarnação e a vida oculta de Cristo (mistérios da alegria), e antes de se deter nos sofrimentos da paixão (mistérios da dor), e no triunfo da ressurreição (mistérios da glória), a meditação se concentre também sobre alguns momentos particularmente significativos da vida pública (mistérios da luz). Esta inserção de novos mistérios, sem prejudicar nenhum aspecto essencial do esquema tradicional desta oração, visa fazê-la viver com renovado interesse na espiritualidade cristã, como verdadeira introdução na profundidade do Coração de Cristo, abismo de alegria e de luz, de dor e de glória.” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 19).

Ao fazer a exposição da atual composição do santo Rosário, diz que os mistérios gozosos são caracterizados pela alegria que irradia do acontecimento da encarnação. A alegria é expressa desde a anunciação, na saudação do anjo Gabriel à Virgem de Nazaré, que está ligada ao convite da alegria messiânica. Este anúncio se encaminha para a história da salvação do mundo onde o desígnio do Pai é recapitular em Cristo todas as coisas (cf. Ef 1, 10) – o favor divino é universal! Neste episódio, o Pai se inclina sobre Maria para torná-la Mãe de seu Filho – e “por sua vez, toda a humanidade está como que incluída no *fiat* com que ela corresponde prontamente à vontade de Deus” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 20).

Sob a mesma alegria, aparece a cena do encontro de Maria com Isabel. Ambas exultam diante da bondade de Deus! Ao ouvir a voz de Maria e sentir a presença do Cristo em seu ventre, João Batista salta de alegria (cf. Lc 1,44). A cena de Belém não poderia ser diferente: “Inundada de alegria é a cena de Belém, onde o nascimento do Deus-Menino, o Salvador do mundo, é cantado pelos anjos e anunciado aos pastores precisamente como ‘uma grande alegria’ (Lc 2, 10) (JOÃO PAULO II, 2002, n. 20)”.

Os dois últimos mistérios, embora conservando o sabor da alegria, antecipam o misto de drama que marcaria a vida do Messias:

A apresentação no templo, de fato, enquanto exprime a alegria da consagração e extasia o velho Simeão, registra também a profecia do “sinal de contradição” que o Menino será para Israel e da espada que trespassará a alma da Mãe (cf. Lc 2, 34-35). Gozoso e ao mesmo tempo dramático é também o episódio de Jesus, aos 12 anos no templo. Vemo-Lo aqui na sua divina sabedoria, enquanto escuta e interroga, e substancialmente no papel daquele que “ensina”. A revelação do seu mistério de Filho totalmente dedicado às coisas do Pai é anúncio daquela radicalidade evangélica que põe inclusive em crise os laços mais caros às pessoas diante das exigências absolutas do Reino. Até José e Maria, aflitos e angustiados, “não entenderam” as suas palavras (Lc 2, 50). (JOÃO PAULO II, 2002, n. 20).

Ao meditar os mistérios gozosos, pode-se entrar: “[...] nas motivações últimas e no significado profundo da alegria cristã. Significa fixar o olhar sobre a realidade concreta do mistério da Encarnação e sobre o obscuro prenúncio do mistério do sofrimento salvífico” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 20). Neste sentido, percebe-se que Maria exerce papel fundamental. Na recitação do Rosário, somos conduzidos por ela a aprender o verdadeiro sentido da alegria cristã. Esta alegria consiste em assimilar o conteúdo do Evangelho que tem seu centro na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo encarnado.

Dos mistérios gozosos que nos conduzem da infância e da vida em Nazaré, passamos aos mistérios da luz que relatam cenas da vida pública de Jesus quando ele anuncia o evangelho do Reino. O santo padre afirma que, na verdade, todo o mistério de Cristo é luz –



Ele mesmo afirma ser a luz do mundo (cf. Jo 8, 12). Mas, com a inserção dos mistérios luminosos, João Paulo II pretende destacar cinco momentos significativos da vida de Cristo:

[...] 1<sup>o</sup>) o seu Batismo no Jordão; 2<sup>o</sup>) a sua autorrevelação nas bodas de Caná; 3<sup>o</sup>) o seu anúncio do Reino de Deus com o convite à conversão; 4<sup>o</sup>) a Transfiguração; e, enfim, 5<sup>o</sup>) a instituição da Eucaristia, expressão sacramental do mistério pascal. Cada um desses mistérios é revelação do Reino divino já personificado no próprio Jesus. [...] Nesses mistérios, à exceção de Caná, a presença de Maria fica em segundo plano. Os Evangelhos mencionam apenas alguma presença ocasional d'Ela no tempo da pregação de Jesus (cf. Mc 3, 31-35; Jo 2, 12) e nada dizem de uma eventual presença no Cenáculo durante a instituição da Eucaristia. Mas, a função que desempenha em Caná acompanha, de algum modo, todo o caminho de Cristo. A revelação, que no Batismo do Jordão é oferecida diretamente pelo Pai e confirmada pelo Baptista, está na sua boca em Caná, e torna-se a grande advertência materna que Ela dirige à Igreja de todos os tempos: « Fazei o que Ele vos disser » (Jo 2, 5). Advertência esta que introduz bem as palavras e os sinais de Cristo durante a vida pública, constituindo o fundo mariano de todos os “mistérios da luz”. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 21).

Quanto aos mistérios da dor de Cristo, alcançaram grande relevo nos Evangelhos, e a piedade cristã desde sempre os viveu profundamente, especialmente na quaresma através do exercício da Via-Sacra. A Igreja sempre mergulhou na paixão de Cristo, ápice da revelação do amor e fonte da nossa salvação. Não poderia ser diferente com o Rosário da Santíssima Virgem:

O Rosário escolhe alguns momentos da Paixão, induzindo o orante a fixar neles o olhar do coração e a revivê-los. O itinerário meditativo abre-se com o Getsémani, onde Cristo vive um momento de particular angústia perante a vontade do Pai, contra a qual a debilidade da carne seria tentada a revoltar-se. Ali Cristo põe-se no lugar de todas as tentações da humanidade, e diante de todos os seus pecados, para dizer ao Pai: “Não se faça a minha vontade, mas a Tua” (Lc 22, 42 par). Este seu “sim” muda o “não” dos pais no Éden. E o quanto Lhe deverá custar esta adesão à vontade do Pai, emerge dos mistérios seguintes, nos quais, com a flagelação, a coroação de espinhos, a subida ao Calvário, a morte na cruz, Ele é lançado no maior desprezo: *Ecce homo!* Nesse desprezo, revela-se não somente o amor de Deus, mas o próprio sentido do homem. *Ecce homo*: quem quiser conhecer o homem deve saber reconhecer o seu sentido, a sua raiz e o seu cumprimento em Cristo, Deus que se rebaixa por amor “até a sua morte, e morte de cruz” (Fl 2,8). Os mistérios da dor levam o crente a reviver a morte de Jesus pondo-se aos pés da cruz junto de Maria, para com Ela penetrar no abismo do amor de Deus pelo homem e sentir toda a sua força regeneradora.”. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 22).

Mas, chamada à contemplação da glória do Senhor ressuscitado, a Igreja não pode deter-se no rosto desfigurado do crucificado. Finalmente, nos mistérios gloriosos contempla-se a glória da Ressurreição e Ascensão de Cristo onde é elevado à vista dos seus (cf. At 1, 9). O Rosário sempre expressa e fundamenta a certeza da fé daquele que crê no poder da ressurreição de Cristo (cf. 1 Cor 15,14), pois sua paixão e morte não é o fim.

Com a mesma glória do Filho ressuscitado e com a ascensão onde se assenta à direita do Pai, Maria será elevada com a Assunção. Segundo o papa, com especialíssimo privilégio, nela se antecipou o que está reservado a todos os reconciliados em Deus; todos os justos ressuscitarão na carne. E enfim:

Coroada de glória – como aparece no último mistério glorioso – Ela resplandece como Rainha dos Anjos e dos Santos, antecipação e ponto culminante da condição escatológica da Igreja. No centro deste itinerário de glória do Filho e da Mãe, o Rosário põe, no terceiro mistério glorioso, o Pentecostes, que mostra o rosto da Igreja como família reunida com Maria, fortalecida pela poderosa efusão do Espírito, pronta para a missão evangelizadora. [...] a contemplação deste, como dos outros mistérios gloriosos, deve levar os crentes a tomarem uma consciência cada vez mais viva da sua nova existência em Cristo, uma existência de que o Pentecostes constitui o grande “ícone”. Desta forma, os mistérios gloriosos alimentam nos crentes *a esperança da meta escatológica*, para onde caminham como membros do Povo de Deus peregrino na história. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 23).

Longe de ser exaustivo, a meditação proposta no Rosário introduz o espírito do fiel no conhecimento de Cristo, no conhecimento de cada passagem de sua vida como é narrada nos Evangelhos. Mergulhar no Mistério do Verbo feito carne é fundamental para que todo batizado esteja arraigado na fé. Cada batizado é dirigido de modo a deixar-se arraigar pela fé em Cristo e pela caridade (cf. Ef 3, 17-19). Segundo o olhar de João Paulo II, à luz das reflexões desenvolvidas sobre o mistério de Cristo, pode-se aprofundar sobre a implicação antropológica do Rosário – ao meditar as etapas da Sua vida, aprende-se d’Ele, a verdade sobre o homem:

O Rosário coloca-se ao serviço deste ideal, oferecendo o “segredo” para se abrir mais facilmente a um conhecimento profundo e empenhado de Cristo. Digamos que é o caminho de Maria. É o caminho do exemplo da Virgem de Nazaré, mulher de fé, de silêncio e de escuta. É, ao mesmo tempo, o caminho de uma devoção mariana animada pela certeza da relação indivisível que liga Cristo à sua Mãe Santíssima: os mistérios de Cristo são também, de certo modo, os mistérios da Mãe, mesmo quando não está diretamente envolvida, pelo facto de Ela viver d’Ele e para Ele. Na *Avé Maria*, apropriando-nos das palavras do Arcanjo Gabriel e de Santa Isabel, sentimo-nos levados a procurar sempre de novo em Maria, nos seus braços e no seu coração, o “fruto bendito do seu ventre” (cf. Lc 1, 42). (JOÃO PAULO II, 2002, n. 24).

O Magistério eclesial muito tem colaborado com suas análises e reflexões a fim de definir o “papel de Maria Santíssima na economia da salvação, no mistério de Cristo e da Igreja, povo de Deus” (SAMPEL, 2017, p. 10). Fato que proporciona aos cristãos percorrer o caminho da confiança filial em Deus e perseverar na devoção a ela. Muito se tem escrito sobre a devoção à Mãe de Deus, sobre o culto prestado a ela que, diga-se de passagem, é essencialmente cristológico. O capítulo a seguir analisará figura de Maria à luz do Magistério da Igreja.

## 2 FONTES DO MAGISTÉRIO

### 2.1 Os papas e o Rosário da Virgem Maria

No Magistério encontramos expressões dos Pontífices expondo considerações sobre o Rosário e vários documentos que demonstram como essa prática foi-se desenvolvendo na Igreja Católica. Em sua carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, o Sumo Pontífice João Paulo II acentua que o Rosário da Virgem Maria, sob o sopro do Espírito Santo, foi se formando gradualmente na vida da Igreja e, além de ser uma oração amada por vários santos, é uma devoção estimulada pelo Magistério. (JOÃO PAULO II. 2002 n.1).

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, cabe ao Magistério exercer plenamente a autoridade que recebeu de Cristo salvaguardando o depósito da fé que lhe fora confiado:

A missão do Magistério está ligada ao caráter definitivo da Aliança instaurada por Deus em Cristo com seu povo; deve protegê-lo dos desvios e dos afrouxamentos e garantir-lhes a possibilidade objetiva de professar sem erro a fé autêntica. O ofício pastoral do Magistério está, assim, ordenado ao cuidado para que o Povo de Deus permaneça na verdade que liberta. Para executar este serviço, Cristo dotou os pastores do carisma de infalibilidade em matéria de fé e de costumes. (CIC 890).

Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens (cf. 1 Tm 2,5-6). O autor acentua que o Magistério da Igreja afirma que a fonte da revelação de Deus constitui-se de dois canais, a saber, a sagrada Tradição e as Sagradas Escrituras (SAMPEL, 2017, p.15). O Magistério acentua o papel da bem-aventurada Virgem Maria, distinguindo-a como medianeira entre Deus e os homens em virtude dos méritos de Cristo. Com este objetivo, fundamenta-se em dois episódios narrados pelo evangelista João: as bodas de Caná (cf. Jo 2, 3-11) quando o Messias inicia seus milagres por intercessão de Sua Mãe; e no momento do martírio no calvário (cf. Jo 19, 26-27), quando do alto da cruz incumbiu-a do múnus de intercessora. Dito isto, acentua que:

Para chegarmos a Jesus é bastante útil a intervenção da mãe dele, Maria Santíssima. Ou seja, as graças, que só Deus concede, vêm-nos sempre por intermédio de santa Maria”. [...] Esta maneira especiosa de venerarmos nossa Senhora chama-se “hiperdulia”. A Deus tributamos o culto de “latría”, aos santos veneramos com a “dulia” e a nossa Senhora, que está acima de todas as criaturas, inclusive das angélicas, e só abaixo de Jesus, nós honramos com a “hiperdulia”. (SAMPEL, 2017, p.17-18).

Pode-se então, refletir com segurança sobre a posição do Magistério quanto à espiritualidade mariana, especialmente a devoção do Rosário, quando o fiel pode alcançar grandes graças concedidas pelas mãos de Maria.

De Fiores e Meo (1995), enumeram contribuições do Magistério em matéria de Rosário. Ressaltam S. Pio V, proveniente da ordem dominicana e definido como “o primeiro papa do Rosário”. Recordam a bula *Consueverunt romani Pontífices* e a bula *Salvatoris et Domini* (1572):

[...] ocasionada pela vitória de Lepanto, que instituía a festa litúrgica como recordação de tal vitória. O sucessor de Pio V, Gregório XIII, com a bula *Monet Apostolus* (1573) instituiu a festa solene do rosário, inserindo-a no calendário litúrgico no primeiro domingo de outubro. De Gregório XIII a Leão XIII são numerosíssimos os documentos pontifícios referentes ao rosário. A maioria deles diz respeito à ereção de confrarias, à disciplina, aos privilégios, etc. Nem sempre trazem elementos novos. A sua importância reside no fato de que documentam continuidade de visão por parte dos pontífices e confiança no rosário como meio eclesial [...] como se expressa, por exemplo, Clemente VIII na bula *Salvatoris et Domini* se 13.1.1593. (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1138).

Destacam Pio IX em sua carta *Egregiis suis* (1869), onde o sumo pontífice exorta à recitação do Rosário para que se alcance o bom êxito do Vaticano I. E enumeram a grande contribuição de diversos escritos do papa Leão XIII e Pio V acerca do tema do Rosário da Virgem Maria:

Leão XIII merecidamente pode ser definido como papa do rosário ao lado de PIO V. Trazem a sua assinatura 12 cartas encíclicas, 2 cartas apostólicas, que desenvolvem com sublime doutrina os temas do rosário. nasce nesse período a prática de consagrar o mês de outubro a essa oração, “honroso distintivo da piedade cristã”, “a mais agradável das orações”; além disso, o rosário é “como um mosaico da nossa fé e o compêndio do culto a ela (a virgem) devido. (DE FIORES, MEO, 1995, p. 1139).

Os autores também ressaltam Pio XI (1937), que em sua encíclica *Ingravescentibus malis*, exorta os fiéis à recitação do Rosário para livrá-los dos perigos que ameaçam o mundo. Já o papa Pio XII, em suas cartas afirma que, dentre tantas coisas, o Rosário é síntese de todo o evangelho. Especialmente na encíclica *Ingruentium malorum* (1951) afirma:

Embora não exista um modo único de rezar para conseguir esse auxílio, entretanto nós achamos que o santo Rosário é o meio mais conveniente e eficaz; aliás, é o que claramente demonstramos tanto a própria origem, mais divina do que humana, dessa prática íntima .... Não hesitamos em afirmar de novo que grande é a esperança que nós pomos no santo Rosário, para curar os males que afligem nossos tempos. Não é com a força, não é com armas, não é com o poder humano, mas com o auxílio divino obtido por meio dessa oração, forte como Davi com a sua funda, que a igreja poderá enfrentar impávida o inimigo infernal. (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1139).

Os autores também enumeram as intervenções, a variedade e a constância com que o tema do Rosário foi abordado pelos sumos pontífices desde Pio V até João Paulo II. Este fato confirma que “tudo isso nos revela uma tradição ininterrupta e a atenção contínua do Magistério em face do assunto em questão” (DE FIORES; MEO, 1995, p.1140).

Diante de tudo que os papas têm explanado a respeito do Rosário, pretende-se analisar mais de perto o que foi dito pelos pontífices ressaltados por João Paulo II (2002) em sua carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*:

Muitos dos meus predecessores atribuíram grande importância a esta devoção. Merecimento particular teve, a propósito, Leão XIII que, no dia 1 de Setembro de 1883, promulgava a Encíclica *Supremi apostolatus officio*, alto pronunciamento com o qual inaugurava numerosas outras declarações sobre esta oração, indicando-a como instrumento espiritual eficaz contra os males da sociedade. Entre os papas mais recentes, já na época conciliar, que se distinguiram na promoção do Rosário, desejo recordar o beato João XXIII e sobretudo Paulo VI que, na exortação apostólica *Marialis cultus*, destacou, em harmonia com a inspiração do Concílio Vaticano II, o caráter evangélico do Rosário e sua orientação cristológica. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 2).

Em sua carta encíclica sobre o Rosário de Nossa Senhora (1883), o Papa Leão XIII, considerando o tempo e as reais dificuldades pelas quais passava a Igreja, estimula seus veneráveis irmãos a incentivar os fiéis à prática de devoção e piedade à Virgem Maria. O sumo pontífice aponta para Maria como mediadora junto a Deus e dispensadora das graças celestes; auxílio para os males presentes na Igreja e auxílio dos homens, que, entre tantas lutas, caminham para a eterna pátria (LEÃO XIII, 1883, n.2).

Relembra o papa que, em meio ao medo e incerteza, os católicos sempre viram em Maria um refúgio seguro e, portanto, sempre recorreram à sua bondade. Recorrer a Maria demonstra a firme esperança com que a Igreja católica sempre depositou em sua intercessão:

[...] Feita Co-Redentora do gênero humano, goza junto a seu Filho de um poder e de uma graça tão grande, que nenhuma criatura, nem humana nem angélica, jamais pôde nem jamais poderá atingir uma maior. E, visto como a alegria mais grata para ela é a de ajudar e consolar todo fiel em particular que invoque o seu socorro, não pode haver dúvida de que ela muito mais prazerosamente deseje acolher, antes, que exulte em acolher, os votos da Igreja toda. (LEÃO XIII, 1883, n. 3).

Desta forma, acentua as intervenções de Maria na história da Igreja. Tais intervenções da Virgem se observam, principalmente, diante da difusão de erros ou corrupção dos costumes, fatos que sempre alarmaram a Igreja. Leão XIII (1883) enfatiza que as memórias nutridas pela Igreja, quer antigas, quanto novas, são como que um testemunho vivido na história de um povo que faz seus votos a Maria e a ela eleva súplicas públicas e particulares.

Diante de tais súplicas, obtém-se generosos auxílios obtidos por meio da Virgem e que deram origem aos seus numerosos títulos:

[...] Daí tiveram origem esses títulos insígnies com que os povos católicos a saudaram: Auxiliadora dos cristãos, Socorredora e Consoladora, Dominadora das guerras, Senhora das vitórias, Pacificadora. Entre os quais é principalmente digno de menção o título, tão solene, do Rosário, que consagra à imortalidade os seus assinalados benefícios em favor da inteira Família cristã. (LEÃO XIII, 1883, n.5).

De forma magnífica Leão XIII rememora São Domingos, padre virtuoso fundador da ordem dominicana, suscitado por Deus num tempo de dores e lágrimas sofridos pela Igreja no fim do século XII. O santo lutou bravamente contra os hereges Albigenses “que nascidos da seita dos últimos Maniqueus, haviam infectado de perniciosos erros a França meridional e outras regiões do mundo latino” (LEÃO XIII, 1883, n.6). Acontece que este nobre padre, nesta luta, não usou sequer a força das armas, mas a da oração dirigida à Virgem Maria, ou seja, do santo Rosário. Por inspiração ou impulso divino, São Domingos intuía que com o valioso auxílio desta oração, os fiéis poderiam alcançar a vitória sobre os inimigos, cessando assim, sua artimanha e audaciosa pretensão de espalhar seus erros contra a Igreja. A vitória prevista ocorreu com eficácia quando a oração ensinada pelo santo foi abraçada livremente pelo povo cristão, revigorou sua fé e piedade e fez cessar as manobras dos hereges. Muitos que haviam sido embrenhados em erros foram reconduzidos à Igreja:

Foram reconduzidos à trilha da salvação (...), a eficácia e o poder da mesma oração foram depois experimentados também no século XVI, quando as imponentes forças dos Turcos ameaçavam impor a quase toda a Europa o jugo da superstição da barbárie. Nessa circunstância, o Pontífice S. Pio V, depois de estimular os soberanos cristãos à defesa de uma causa que era a causa de todos, dirigiu todo o seu zelo a obter que a poderosíssima Mãe de Deus, invocada por meio do santo Rosário, viesse em auxílio do povo cristão. E a resposta foi o maravilhoso espetáculo então oferecido ao Céu e à terra; espetáculo que empolgou as mentes e os corações de todos! (LEÃO XIII, 1883, n. 6 e7).

A oração do Rosário é agradável à Virgem e eficaz na defesa da Igreja e do povo cristão e relembra a vitória alcançada contra os Turcos. Nesta época, foram dedicados dois dias de oração à Santíssima Virgem Mãe de Deus com inúmeras preces sob a forma do Rosário. Este fato levou seu predecessor Clemente XI estabelecer que a Igreja celebrasse a cada ano a solenidade do santo Rosário. E cita outros predecessores que se aplicaram a incrementar a prática desta devoção. Destaca Urbano IV, Sixto IV, Leão X, Júlio III, Pio V e particularmente o papa Gregório XIII que “declarou que o Rosário foi instituído por São Domingos para aplacar a ira de Deus e para obter a intercessão da bem-aventurada

Virgem” (Leão XIII, 1883, n.9). Apoiado nas palavras do Magistério, segue Leão XIII a incentivar que se elevem preces à Virgem augusta por meio do santo Rosário para que essa boa Mãe auxilie a todas as necessidades da Igreja, livre dos perigos sempre mais graves contra a moralidade pública e a própria fé. Porém, o fato mais doloroso apontado por ele, o qual se deva recorrer com urgência aos auxílios da Virgem Maria, consiste na perda das almas remidas pelo sangue de Cristo que são arrebatadas numa época trasviada. Diante de tal lástima, exorta todos os cristãos a praticarem, sem se cansar, “o piedoso exercício do Rosário, publicamente, ou em particular, nas suas casas e famílias” (LEÃO XIII, 1883, n.12); e estimula que o culto público à Virgem Maria seja feito com grande fervor.

Quanto à prática do santo Rosário, lembra como São Domingos dispôs a oração de modo que fossem recordados sucessivamente os mistérios da nossa salvação, entremeando-se com a mística coroa de saudações angélicas, e intercaladas pela oração ao Deus Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Lembra que o santo entrevê a eficácia desta oração como um grande remédio que pode curar as feridas da sociedade, combater os males e salvar as almas dos erros:

Iluminado do alto, ele viu claramente que para os males do seu tempo não havia remédio mais eficaz do que reconduzir os homens a Cristo, que é "caminho, verdade e vida", mediante a frequente meditação da Redenção por Ele operada; e interpor junto a Deus a intercessão dessa Virgem a quem foi concedido "aniquilar todas as heresias. (LEÃO XIII, 1883, n.11).

Finalmente, encerra a encíclica com a exortação a seus “Veneráveis irmãos” para que estimulem a devoção à Virgem Maria para que os fiéis com ardente entusiasmo continuem “a amar com crescente fervor a prática do Rosário” (LEÃO XIII, 1883, n.17). Sobre os papas da época conciliar, João Paulo II destaca o Beato João XXIII e, em especial, Paulo VI na exortação apostólica *Marialis Cultus* quando “destacou em harmonia com a inspiração do Concílio Vaticano II, o caráter evangélico do Rosário e a sua orientação criptológica” (JOÃO PAULO II, 2002, n.2). Quanto ao Beato João XXIII, João Paulo II (2002) apresenta com particular relevo sua Epístola apostólica sobre o Rosário “*II Religioso Convegno*”, de 29 de setembro de 1961. Neste encontro religioso, João XXIII dirige-se ao episcopado e aos fiéis do mundo católico falando-lhes sobre a reza do santo Rosário, expressão de piedade cristã:

O Rosário, como exercício de devoção cristã entre os fiéis de rito latino, que são uma notável porção da família católica, toma lugar, para os eclesiásticos, depois da santa missa e do breviário, e, para os leigos, depois da participação dos sacramentos. Ele é uma forma devota de união com Deus, e sempre de alta elevação espiritual. (JOÃO XXIII, 1961, n. 5).

A verdadeira substância do Rosário bem meditado, é constituída por um tríplice elemento: a *contemplação mística* das verdades de fé narradas nos Evangelhos que apresentam a missão redentora de Jesus; a *reflexão íntima* de cada mistério da vida de Jesus, onde o espírito orante é beneficiado pelo Espírito Santo que o conduz a confrontar a própria vida com os ensinamentos contidos em cada mistério e, desta forma, pode aplicá-los em seu cotidiano; por fim, a *intenção piedosa* onde cada fiel pode apresentar súplicas de ordem pessoal, social ou até mesmo universal, possibilitando ao católico ativo e piedoso, entrar no exercício da caridade para com seus irmãos (JOÃO XXIII, 1961, n.7 a 10). O Rosário é elevado à condição de grande oração pública e universal em face das necessidades ordinárias e extraordinárias da Igreja santa, das nações e do mundo inteiro; com esta prática de piedade mariana pode-se invocar e alcançar a paz universal tão desejada pelos povos.

Quanto a Paulo VI, em sua Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (1974), faz uma reflexão sobre a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria. O papa põe em relevo o que foi definido no Concílio Vaticano II: as diversas formas de devoção para com a Virgem Maria se desenvolvem, desembocam e estão subordinadas ao culto de Cristo. E pontua que, acerca da renovação dos exercícios de piedade mariana o do Santo Rosário já foi chamado o compêndio de todo o evangelho: o Rosário, ou então o Terço (ou coroa), de Nossa Senhora (PAULO VI, 1974, n.42). Aborda as características primárias desta oração, seus elementos essenciais e a mútua relação entre eles – compreende-o como oração evangélica. Segundo sua reflexão, crê-se que o Rosário foi constituído e inspirado a partir da saudação do Anjo e do sim da Virgem Maria, mistério fundamental da Encarnação do Verbo:

Foi percebido com maior clareza, além disso, que o ordenado e gradual desenrolar-se do Rosário reflete aquele mesmo modo com que o Verbo de Deus, ao inserir-se por misericordiosa decisão, nas vicissitudes humanas, operou a Redenção. O Rosário, de fato, considera numa sucessão harmoniosa os principais eventos "salvíficos" da mesma Redenção, que se realizaram em Cristo: desde a concepção virginal, passando pelos mistérios da infância, até aos momentos culminantes da Páscoa, a bendita Paixão e gloriosa Ressurreição, e aos efeitos da mesma sobre a Igreja nascente, no dia de Pentecostes, e sobre a Virgem Maria, na altura em que, tendo terminado o exílio terreno, foi assumida em corpo e alma à pátria celestial. (PAULO VI, 1974, n. 45).

Segundo o papa, por ser uma oração evangélica centrada sobre o mistério da Encarnação redentora, “o Rosário é, por isso mesmo, uma prece de orientação profundamente cristológica” (PAULO VI, 1974, n.46). Seu elemento mais característico é, sem dúvida, a



repetição litânica do “Alegra-te Maria”, fato que corrobora num louvor a Cristo, fim último do anúncio do Anjo e da saudação da mãe do precursor (Cf. Lc 1,42); a repetição da Ave-Maria relembra Jesus e a sucessão dos mistérios salvíficos.

Mas há também, outro elemento essencial e importante do Rosário: a contemplação. Sem a contemplação de cada mistério do Rosário, a recitação corre o risco de tornar-se uma repetição mecânica de fórmulas que não elevam em nada a alma do fiel, além de contradizer as palavras de Jesus, que adverte para que nas orações, não se use repetições de palavras vãs (Cf. Mt 6,7). Quando se refere à sua natureza, Paulo VI (1974) propõe que sua recitação se faça num ritmo tranquilo, de forma a favorecer àquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor.

Verifica-se então, que Rosário não se contrapõe à Liturgia, ao contrário, se harmoniza facilmente com ela. Ambos, tem uma índole comunitária, se nutrem das Sagradas Escrituras e gravitam em torno do mistério de Cristo. Porém, não é recomendável recitá-lo durante a ação litúrgica:

[...] Não há quem não veja ser o Rosário um pio exercício que à Liturgia foi buscar a sua motivação e que, se for praticado de acordo com a sua inspiração originária, a ela conduz, naturalmente, sem, no entanto, transpor o seu limiar. A meditação dos mistérios do Rosário, de fato, ao tornar familiares à mente e ao coração dos fiéis os mistérios de Cristo, pode constituir uma ótima preparação, e vir a ser, depois, um eco prolongado da celebração dos mesmos mistérios nos atos litúrgicos. É erro, todavia infelizmente, ainda a subsistir nalguns lugares, o recitar o Rosário durante a ação litúrgica. (PAULO VI, 1974, n. 48).

Finalmente, em continuidade com o pensamento de seus predecessores, Paulo VI (1974) recomenda que o Rosário seja recitado em família, célula primeira e vital da sociedade. Salienta que depois da Liturgia das Horas, o Rosário da Virgem Maria, deve ser considerado a mais excelente e eficaz oração a ser recitada no ambiente familiar. Estimula que os fiéis se sintam livres e tranquilos ao recitá-lo, sem perder nada da beleza de sua essência.

Diante de tudo que tem sido explanado sobre a importância da espiritualidade mariana pelo Magistério da Igreja, percebe-se a grande contribuição prestada pelos sumos pontífices quando acentuam a importância da devoção a Maria. A fim de fechar este ciclo do presente estudo, mais uma vez pretende-se expor o que foi referido por Sampel (2017). O autor evidencia vários papas que incentivaram com maestria o amor à virgem Maria e à prática do seu Rosário. Dentre tantos, recorda as belas palavras do Papa Leão XIII (1892) em sua carta encíclica *Magnae Dei Matris* (sobre o Rosário de nossa Senhora) quando expõe seu imenso amor à virgem Maria:

Todas as vezes que nos é dado o ensejo de aumentar no povo cristão o culto e o amor à gloriosa mãe de Deus, nossa alegria, nossa satisfação chegam ao auge. E isso porque a coisa não só é de per si importantíssima – e fecunda de bons frutos, mas também se harmoniza do melhor modo com os sentimentos mais íntimos do nosso coração. Sugada, na verdade, com o leite materno, depois nossa piedade para com Maria veio sempre crescendo e consolidando-se em nós, com o passar dos anos. E isso porque nossa inteligência sempre mais claramente compreendia o quanto era digna de amor e de louvor aquela a quem o próprio Deus amou em primeiro, e com tal afeto que a elevou acima de todas as criaturas, a enriqueceu dos dons mais magníficos e a escolheu, enfim, para sua mãe. Por outra parte, as numerosas e fúlgidas provas da sua bondade e benevolência para conosco – provas que nós não podemos recordar sem a mais profunda gratidão e sem derramar lágrimas de emoção – aumentaram sempre mais em nós esta piedade, e mais ardentemente a inflamaram. (SAMPEL, 2017, p. 41, 42).

Em continuidade ao que tem sido proposto pelo Magistério sobre a devoção à Virgem Maria propõe-se analisar, segundo a visão da Sé Apostólica e de alguns estudiosos, o que foi definido no Concílio Vaticano II na constituição dogmática *Lumen gentium*.

## 2.2 A Virgem Maria no Concílio Vaticano II

A Congregação para a Educação Católica, no documento “A Virgem Maria na formação intelectual e Espiritual” apresenta reflexões sobre a bem-aventurada Virgem sublinhando que o conhecimento, a investigação e a piedade em relação a Maria de Nazaré devem constituir uma tarefa permanente. Diante do “valor exemplar e da missão da Virgem [...], a Mãe do Senhor é um dado da Revelação divina e constitui uma presença materna sempre operante na vida da Igreja” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1988, n.1). O documento recorda que a Constituição dogmática *Lumen gentium* (1964) constitui a síntese mais ampla e autorizada da doutrina católica sobre a Mãe do Senhor até agora realizada por um concílio ecumênico. E explana o ensino mariológico do Vaticano II, especialmente o capítulo VIII da Constituição acentuando que sua importância consiste “no valor da sua síntese doutrinal e na impostação do tratado da doutrina referente à bem-aventurada Virgem, enquadrada no âmbito do mistério de Cristo e da Igreja” (CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1988, n.5). Deste modo, o Concílio vinculou-se à tradição patrística, privilegiando a história da salvação como contexto próprio dos tratados teológicos; evidenciou que a Mãe do Senhor está inserida e tem íntima participação na história da salvação – portanto, Maria não é figura marginal no âmbito da fé e no panorama da teologia – mas, de certo modo, reúne em si e reflete os dados máximos da fé; e, finalmente, “compendiou numa visão unitária diferentes posições sobre o modo de tratar o tema mariológico” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1988, n.5).

A fim de enriquecer tal análise, vale a pena recordar as palavras que o Papa João XXIII dirigiu no seu discurso de abertura quando especifica o fim principal do Concílio:

O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. (...) Para que esta doutrina atinja os múltiplos níveis da atividade humana, que se referem aos indivíduos, às famílias e à vida social, é necessário primeiramente que a Igreja não se aparte do patrimônio sagrado da verdade, recebido dos seus maiores; e, ao mesmo tempo, deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo hodierno, que abriram novos caminhos ao apostolado católico. (...) O XXI Concílio Ecumênico, (...) quer transmitir pura e íntegra a doutrina, sem atenuações nem subterfúgios, que por vinte séculos, apesar das dificuldades e das oposições, se tornou patrimônio comum dos homens. Patrimônio não recebido por todos, mas, assim mesmo, riqueza sempre ao dispor dos homens de boa vontade. (...) A finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito. (JOÃO XXIII, 1962, n. 2 e 4).

Na visão de González (1990), o Concílio Vaticano II identifica uma dupla realidade no chamado de Maria à maternidade. Primeiramente, ela gera o filho de Deus em seu seio virginal, dá à luz o Filho de Deus feito carne. Essa maternidade plena de Maria com relação a Jesus como indivíduo, abrange todo o cuidado que uma mãe deve ter para com seu filho: educação, vida familiar, o sustento etc. Sendo assim:

[...] Maria também exerce sobre Jesus uma verdadeira maternidade espiritual: enquanto homem, ele aprendeu dela a viver como fiel israelita. Mas o Filho de Maria não é apenas um indivíduo privado: toda a razão de ser de sua existência é sua missão messiânica libertadora do homem. E Maria, a partir da anunciação, soube de sua escolha para ser a mãe messiânica [...]. (GONZÁLEZ, 1990, p. 305).

Acentua-se, à luz do Concílio Vaticano II, que Paulo VI a declarou *Mater Ecclesiae*: “[...] por vocação divina, Maria é Mãe (biologicamente) de Jesus, e Mãe espiritual do Cristo total: Cabeça e membros” (GONZÁLEZ, 1990, p. 306). Segundo o autor, o Concílio se expressa chamando Maria de Mãe na ordem da graça.

Segundo o Concílio Vaticano II, a maternidade de Maria na economia da graça perdura ininterruptamente: teve seu início no consentimento da Virgem no momento da anunciação, até o momento da cruz e perdurou após sua elevação ao céu onde continua sua missão intercedendo por todos os eleitos até alcançarem a pátria eterna e: “por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo” (LG 62).

O Concílio afirma que pelo dom e pela missão da maternidade divina, Maria está ligada a seu Filho Redentor e:

[...] Pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada, à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio. Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe. Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogênito de muitos irmãos (Rom. 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe. (LG 63).

O documento salienta a importância de Maria no mistério da salvação revelado em seu Filho Jesus Cristo. Vemos que na anunciação, por obra do Espírito Santo, concebe-o em seu seio virginal. E a Igreja que tem papel primordial na difusão deste mistério de salvação - como corpo místico onde Jesus Cristo é a cabeça - convida os fiéis à veneração da Gloriosa sempre Virgem Maria:

(...) Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo) (...) Porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça. É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade. (LG n.52, 53).

Desta forma, o Concílio pretende esclarecer não só o papel da Virgem Maria no mistério do Verbo encarnado e do corpo místico, “mas também os deveres dos homens resgatados para com a Mãe de Deus, Mãe de Cristo e Mãe dos homens, sobretudo dos fiéis” (LG n. 54). Neste caso, não há intenção de propor toda a doutrina referente a ela, como também não se pretende impedir as questões que não foram suficientemente esclarecidas pelos teólogos. Pretende-se conservar direitos e opiniões propostas nas escolas católicas sobre aquela que “ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também mais próximo de nós” (LG n. 54).

O Concílio Vaticano II retoma a mariologia contemplando Maria como figura exemplar da Igreja, modelo de fé, esperança e caridade. Isto pode possibilitar ainda mais a devoção do Santo Rosário entre os fiéis. No Concílio, propôs-se uma mariologia bíblica e eclesial,

preconizou-se a reentrada da mariologia na teologia. O Concílio não proclamou nenhum dogma mariano novo, porém, retomou, endossou e confirmou todas as proclamações dogmáticas referentes a Maria: Maria, Mãe de Deus -Concílio de Éfeso; Virgindade Perpétua de Maria -Concílio Lateranense; Imaculada Conceição - Pio IX. (ALMEIDA; MANZINI; MAÇANEIRO, 2013, p. 141).

O último capítulo da *Lumen Gentium* apresenta uma síntese doutrinal sobre Maria que pretende situá-la na economia da salvação e do mistério cristão e em seu vínculo com Cristo. Paulo VI saudava assim esse capítulo: “É [...] a primeira vez [...] que um concílio ecumênico apresenta uma síntese tão vasta da doutrina católica sobre o lugar que Maria Santíssima ocupa no mistério de Cristo e da Igreja” (BOURGEOIS; SESBOÛÉ; TIHON, 2005 p. 509). Segundo os autores, o Concílio convida a um retorno às fontes da Escritura e da tradição e inaugura um novo tipo de discurso mariano. O ponto de partida vem da iniciativa salvífica de Deus ao enviar seu Filho nascido de mulher (Cf. Gl 4,4). Os autores relembram o discurso de encerramento do Concílio, onde Paulo VI destaca os fundamentos desta seção, a saber: “Essa seção é tanto patrística como bíblica e, em vários casos, a interpretação da Escritura é atribuída aos Padres e à tradição” (BOURGEOIS; SESBOÛÉ; TIHON, 2005, p. 509-510).

Quanto às afirmações doutriniais, o Concílio retoma o que já foi definido: afirma a união de Maria com seu Filho desde sua concepção virginal até a morte de Cristo, assim como sua união com a Igreja. Os autores acentuam que, quanto à sua ligação com a Igreja, expressa-se de três formas: Membro, Tipo (ou modelo) e Mãe. Desta forma, Maria é associada à encarnação e à redenção como serva que cooperou em tudo com Deus: em sua humildade, obediência, fé, esperança e caridade. No Concílio, Maria é vista como aquela que deve animar todos os cristãos, todos os que na Igreja, exercem a missão de contribuir para regenerar todos os homens. Importante destacar que, o culto da Virgem deve permanecer cristocêntrico. O culto da Virgem, desde antes do Concílio de Éfeso, tem como base o Magnificat, onde ela própria proclama: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (cf. Lc 1,48). Os autores refletem sobre a diferenciação entre o culto prestado à Virgem e a adoração prestada unicamente a Deus, ao Verbo encarnado e à Trindade. O culto de veneração à Virgem Maria, sua invocação e propósito de imitá-la, conseqüentemente dão maior glória a Deus. Primeiramente, o culto é litúrgico, mas também pode ser vivenciado através das devoções aprovadas pela Igreja. Quanto ao exercício do culto mariano e suas devoções, deve-se evitar tanto o exagero, como a demasiada frieza de espírito, tanto por parte dos fiéis, como dos teólogos.

Tratando-se do período que se seguiu ao Concílio Vaticano II, a Igreja, em seu discurso mariano, permaneceu fiel às definições da constituição *Lumen Gentium*. Doravante, toda a pesquisa referente à Virgem Maria baseou-se nas Sagradas Escrituras e, “pode-se dizer que seu eixo maior passou da teologia de Maria-Rainha, a dos privilégios e dos títulos, para a de Maria-Serva, a Filha de Israel que acolheu na fé, o desígnio de Deus para ela” (BOURGEOIS; SESBOÛÉ; TIHON, 2005 p.513). No dizer dos autores, um dos documentos pós-conciliares mais importantes sobre Maria é a Encíclica *Redemptoris Mater* do Papa João Paulo II (1986). Nesta encíclica, o papa afirma a intenção ecumênica do Concílio, sobretudo em relação ao Oriente ortodoxo. O documento é rico em referências bíblicas sobre a Virgem Maria e o Papa refere-se constantemente ao capítulo VIII da *Lumen Gentium*, porém, dá ênfase ao tema da mediação maternal da Virgem.

Primordialmente, dentre tudo o que foi definido no Concílio, pode-se destacar que a função de Maria na economia da salvação está associada a uma “íntima união com Jesus. (...) No dia da Encarnação Maria torna-se Mãe de Jesus, Mãe do Filho-Deus, Mãe de Deus” (TANQUEREY, 2018, p.111). Maria não é só a mãe de Jesus enquanto indivíduo, mas também, Mãe do Salvador e Redentor de toda a humanidade. Na anunciação (Lc 1,26-38), o anjo propõe a Maria que seja a Mãe do Messias esperado e com seu *fiat* ela se associa à obra redentora. Desta forma, Maria:

Ocupa, na ordem da redenção, o lugar que Eva teve no da nossa ruína espiritual” e, “por ser Mãe de Jesus, Maria tem relação muito íntima com as Três Pessoas Divinas. É a filha muito amada do Pai e associada na obra da encarnação. É a Mãe do Filho, com direito a dele ter respeito, amor e, na terra, até mesmo obediência. Em razão do papel que exerceu nos seus mistérios, secundário, mas real, é colaboradora da obra da salvação e santificação dos homens. Enfim, é o templo vivo, o santuário privilegiado do Espírito Santo e, em sentido analógico, a sua Esposa, posto que com Ele e dependendo Dele, contribui na regeneração das almas para Deus (TANQUEREY, 2018, p.111).

Afirma-se que no momento da Encarnação, Maria não somente se torna a Mãe do Redentor, como também, Mãe dos homens. Torna-se Mãe de Jesus segundo a carne e Mãe dos membros do corpo místico de Cristo, segundo o espírito. Atesta-se esta verdade no calvário (Jo 19, 25-27), no exato momento em que Jesus se dirige à sua Mãe e ao discípulo João. Presume-se que o culto mariano com todas as suas expressões e devoções pode contribuir para um maior crescimento da espiritualidade na vida dos fiéis.

O Concílio Vaticano II, ao tratar do mistério de Maria, aludiu às práticas de devoção a ela dirigidas e exortou aos filhos da igreja que tenham em grande estima os exercícios de piedade para com a virgem Maria. Paulo VI, na carta encíclica *Christi Matri Rosarii*, em que

desenvolve o texto do Vaticano II, com ânimo renovado, estimula que os fiéis recorram à Mãe de Deus para obter a paz:

Nada nos parece mais oportuno e importante do que elevar ao Céu as súplicas de toda a cristandade para invocar a Mãe de Deus, a Rainha da paz, a fim de que, em tantos sofrimentos e angústias, derrame copiosamente os dons de sua materna bondade. Desejamos que lhe sejam dirigidas assiduamente intensas orações, a Ela que, durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, com a aprovação dos Padres e do orbe católico, proclamamos Mãe da Igreja, confirmando solenemente uma verdade da tradição antiga. De fato, a Mãe do Salvador é "certamente mãe dos seus membros", como ensinaram Santo Agostinho (*De sanct. virg.* 6; *PL* 40, 399), e com ele, para não citar outros, Santo Anselmo, dizendo: "Que dignidade maior pode ser conhecida do que a de ser mãe daqueles de quem Cristo se dignou ser pai e irmão?" (*Or.* 47; *PL* 158, 945). (PAULO VI, 1966, n. 7).

No desenvolvimento mariológico do pós-Concílio foi realizado largo trabalho pela Sé Apostólica, Conferências Episcopais e estudiosos que se concentraram em transmitir, analisar, responder e atualizar a reflexão sobre a Mãe do Senhor e, conseqüentemente, sobre a devoção do Rosário. Dentre estes contributos, temos a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* do Papa João Paulo II (2002) que muito contribuiu para ressaltar a importância da devoção.

### 2.3 A Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*

A Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* escrita pelo Papa João Paulo II (2002), foi destinada ao Episcopado, ao clero e aos fiéis. Nesta ocasião, o pontífice proclamou o Ano do Rosário – outubro de 2002 – até outubro de 2003, reforçando assim, a necessidade de desenvolver uma reflexão sobre esta devoção tão querida. Sua intenção era a de contribuir com as diversas comunidades eclesiais, integrar e consolidar os planos pastorais das diversas Igrejas particulares na promoção do Rosário. Pode-se entrever seu desejo em promover a devoção como via de espiritualidade para a formação do povo de Deus.

Em seus escritos recorda que o Rosário da Virgem Maria, inspirado pelo Espírito de Deus, foi se formando gradualmente no segundo milênio. Estimulada pelo Magistério e amada pelos santos da Igreja, é uma oração ao mesmo tempo simples e profunda. Desenvolvido de uma forma pedagógica, facilita a compreensão de todos, tem grande significado e pode produzir frutos de santidade. Caracterizado por sua fisionomia mariana, no seu âmago, é uma oração cristológica, concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica – do qual é quase um compêndio. Com a recitação do santo Rosário, o povo cristão pode frequentar a escola de Maria e alcançar graça em abundância, “como se a recebesse das próprias mãos da Mãe do Redentor” (JOÃO PAULO II, 2002, n.1). Nesta carta

apostólica, João Paulo II cita seus predecessores que atribuíram especial importância a esta devoção – dentre eles, Leão XIII em sua encíclica *Supremi apostolatus officio*. E acentua os papas da época conciliar recordando o Beato João XXIII, e Paulo VI em sua exortação *Marialis Cultus* que, em profunda harmonia com o Concílio Vaticano II destacou o caráter evangélico do Rosário e a sua orientação cristológica. Parece que, como num suspiro, João Paulo II recorda que a recitação do Rosário o acompanhou desde a sua juventude. E rememora o que já havia dito no início do seu pontificado: “O Rosário é a minha oração predileta. Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e profundidade” (JOÃO PAULO II, 2002, n.2). Percebe-se claramente que seu pontificado foi motivado por seu amor a esta oração. E a partir da sua experiência com a devoção responde às objeções feitas a esta devoção:

Pensam alguns que a centralidade da Liturgia, justamente ressaltada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, tenha como necessária consequência uma diminuição da importância do Rosário. Na verdade, como precisou Paulo VI, esta oração não só não se opõe à Liturgia, mas *serve-lhe de apoio*, visto que introduz nela e dá-lhe continuidade, permitindo vivê-la com plena participação interior e recolhendo seus frutos na vida quotidiana. Pode haver também quem tema que o Rosário possa revelar-se pouco ecumênico pelo seu caráter marcadamente mariano. Na verdade, situa-se no mais claro horizonte de um culto à Mãe de Deus tal como o Concílio delineou: um culto orientado ao centro cristológico da fé cristã, de forma que, “honrando a Mãe, melhor se conheça, ame e glorifique o Filho”. Se adequadamente compreendido, o Rosário é certamente uma ajuda, não um obstáculo, para o ecumenismo! Porém, o motivo mais importante para propor com insistência a prática do Rosário reside no facto de este constituir um meio validíssimo para favorecer entre os crentes aquele *compromisso de contemplação do mistério cristão*. (...) O Rosário situa-se na melhor e mais garantida tradição da contemplação cristã. Desenvolvido no Ocidente, é oração tipicamente meditativa e corresponde, de certo modo, à “oração do coração” ou “oração de Jesus” germinada no *húmus* do Oriente cristão. (JOÃO PAULO II, 2002, n.4 e 5).

João Paulo II (2002) acentua a necessidade de contemplar Cristo com Maria pois foi-lhe concedida a graça da contemplação num grau mais elevado que todos. É Deus quem convida a alma à contemplação e infunde nela o desejo de amá-lo sem, contudo, retirar a sua liberdade. Movida pela graça, Maria correspondeu livremente ao chamado de contemplar o rosto de Cristo, suas feições, seus gestos e palavras. Ela é a primeira a ter o Menino Deus em seus braços e amá-lo de todo coração, foi a primeira a contemplar o grande mistério da nossa salvação – ela é mestra e guia da vida contemplativa. Cita o papa que o evangelista Mateus narra o momento em que os discípulos contemplam o rosto d’Aquele que se transfigurou à sua vista (cf. Mt 17, 2). Neste trecho do Evangelho ressaltado pelo papa, o rosto de Jesus ficou resplandecente como o sol e esta cena pode ser tomada como ícone da contemplação cristã.



Os discípulos aparecem extasiados pela beleza do Senhor. Como Pedro, Tiago e João, o cristão é convidado a reconhecer o mistério da vida ordinária e dolorosa da humanidade de Jesus, como também, fixar o olhar sobre o brilho da sua glória. Mas neste caminho de contemplação não se está só, pois:

A contemplação de Cristo tem em Maria seu modelo insuperável. O rosto do Filho lhe pertence de um modo especial. Foi seu ventre que o plasmou, recebendo dela também uma semelhança humana que evoca uma intimidade espiritual certamente ainda maior. Ninguém se dedicou com a mesma assiduidade de Maria à contemplação do rosto de Cristo. Os olhos do seu coração concentraram-se de algum modo sobre ele já na Anunciação, quando o concebe por obra do Espírito Santo; nos meses seguintes, começa a sentir sua presença. [...] Quando finalmente o dá à luz em Belém, também seus olhos de carne podem fixar-se com ternura no rosto do Filho enquanto o envolve em panos e o recosta numa manjedoura (cf. Lc 2,7). Desde então, seu olhar, cheio sempre de reverente estupor, não se separará mais dele. (JOÃO PAULO II, 2002, n.10).

Compreende-se que Maria tinha diante de si o Evangelho vivo que estava sendo forjado em seu coração. As recordações de Jesus estavam como que estampadas em sua alma e:

Foram estas recordações que constituíram, de certo modo, o Rosário que Ela mesma recitou constantemente nos dias da sua vida terrena. [...] O Rosário, precisamente a partir da experiência de Maria, é uma oração marcadamente contemplativa. (JOÃO PAULO II, n.11, 12).

Para ela, contemplar é fazer memória das obras realizadas por Deus, em seu Filho Jesus Cristo. Ela quer comunicar o Mestre por excelência às almas, não retém nada para si, mas aponta para a verdade plena de Cristo:

Cristo é o Mestre por excelência, o revelador e a revelação. Não se trata somente de aprender as coisas que Ele ensinou, mas de “*aprender a Ele*”. Porém, nisto, qual mestra mais experimentada do que Maria? Se do lado de Deus é o Espírito, o Mestre interior, que nos conduz à verdade plena de Cristo (cf. Jo 14, 26; 15, 26; 16, 13), de entre os seres humanos, ninguém melhor do que Ela conhece Cristo, ninguém como a Mãe pode introduzir-nos no profundo conhecimento do seu mistério. (JOÃO PAULO II, n.14).

Jesus, o Mestre por excelência, quer que nos configuremos a Ele. Essa graça nos é concedida pelo Batismo onde o Espírito Santo introduz o fiel na videira que é Cristo (cf. Jo 15,5) constituindo-o membro do seu corpo místico. Desta forma, é preciso revestir-se de Cristo (Cf. Gl 3,27). Mas, segundo João Paulo II, o cristão não deve permanecer passivo, o ideal é colaborar com a graça recebida. No itinerário espiritual do Rosário, em companhia de Maria, “este ideal exigente de configuração com ele [...] nos introduz de modo natural na vida

de Cristo”. (JOÃO PAULO II, 2002, n.15). Como cita o Concílio, aquela que é Mãe de Cristo pertence à Igreja como seu “membro eminente e inteiramente singular”. Maria é ao mesmo tempo a “Mãe da Igreja” e assim, “gera” filhos para o Corpo místico do seu Filho. (LG 53). Isto o faz “mediante a intercessão, implorando para eles a efusão inesgotável do Espírito” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 15). Ela também ensina a suplicar a Deus com insistência como foi ensinado por Jesus (Cf. Mt 7,7). Prova disso é que nas bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-12), o Evangelho mostra a eficácia da sua intercessão, quando se faz porta-voz das necessidades humanas junto a seu Filho. Neste itinerário, com os elementos do Rosário devidamente meditado e assimilados, tem-se uma ótima oportunidade de anunciar Cristo.

Na carta apostólica, João Paulo II (2002) apresenta o método e a estrutura do Rosário. Por sua natureza e seu método característico baseado na repetição, proporciona ao fiel assimilar o mistério de Cristo. Essa repetição é visível sobretudo com a ave-maria, repetida dez vezes em cada mistério. A ave-maria é o elemento que faz do Rosário, uma oração mariana por excelência. Segundo o papa:

Considerando superficialmente uma tal repetição, pode-se ser tentado a ver o Rosário como uma prática árida e aborrecida. Chega-se, porém, a uma ideia muito diferente quando se considera o Terço como expressão de amor que não se cansa de voltar à pessoa amada com efusões que, apesar de semelhantes na sua manifestação, são sempre novas pelo sentimento que as permeia. [...] Uma coisa é clara! Se a repetição da *Ave Maria* se dirige diretamente a Maria, com Ela e por Ela é para Jesus que, em última análise, vai o ato de amor (JOÃO PAULO II, 2002, n. 26).

A eficácia do método utilizado no Rosário consiste em levar o cristão à contemplação. E o fato de enunciar cada mistério antes de recitar as orações, possibilita ao fiel assimilá-los. Os mistérios proclamados:

[...] orientam a imaginação e o espírito para aquele episódio ou momento concreto da vida de Cristo. [...] é útil que a enunciação do mistério seja acompanhada pela *proclamação de uma passagem bíblica alusiva*, que, segundo as circunstâncias, pode ser mais ou menos longa. De facto, as outras palavras não atingem nunca a eficácia própria da palavra inspirada. Esta há de ser escutada com a certeza de que é Palavra de Deus, pronunciada para o dia de hoje e “para mim”. (JOÃO PAULO II, 2002, n.29 e 30).

Outro ponto importante a ser abordado na recitação do Rosário refere-se à escuta, ao silêncio que favorece a meditação dos mistérios enunciados e à proclamação da Palavra. João Paulo II assegura que “a redescoberta do valor do silêncio é um dos segredos para a prática da contemplação e da meditação.” (JOÃO PAULO II, 2002, n.31). Após esse momento, naturalmente o espírito se eleva ao Pai. Jesus sempre nos leva ao Pai! Convida-nos a dizermos

com ele: “*Abbá Pai*” (cf. Rm 8,5; Gl 4,6). Como acentua o papa, a oração do “pai-nosso” é como que o alicerce da meditação cristológico-mariana que se desenrola na repetição da ave-maria.

A seguir, o papa ressalta que o “glória” – doxologia trinitária – é o apogeu da contemplação e deve ser posto em evidência no Rosário:

Na medida em que a meditação do mistério tiver sido – de ave-maria em ave-maria – atenta, profunda, animada pelo amor de Cristo e por Maria, a glorificação trinitária de cada dezena, em vez de reduzir-se a uma rápida conclusão, adquirirá seu justo tom contemplativo, como que elevando o espírito à altura do paraíso e fazendo-nos reviver de certo modo a experiência do Tabor, antecipação da contemplação futura: ‘Que bom estarmos aqui!’ (Lc 9,33)”. (JOÃO PAULO II, 2002, n. 34).

Finalmente, João Paulo II pontua que “na prática corrente, depois da doxologia trinitária, diz-se a jaculatória, que varia segundo os costumes” (JOÃO PAULO II, 2002, n.35). A seguir apresenta o terço, instrumento tradicional na recitação do Rosário que evoca o caminho incessante da contemplação e da perfeição cristã.

Feita esta análise, é importante refletir que as Ave-marias recitadas no terço, especialmente na sua primeira parte, fundamentam-se sobre a saudação angélica com a anúncio de que Maria, por escolha divina seria a Mãe do Salvador. Chegou finalmente o evento tão esperado pelo povo de Israel – Deus, enviaria seu Filho, nascido de uma mulher (cf. Gl 4,4-6). Torna-se inegável o papel que a Virgem desempenharia no plano salvífico, como também, na vida cristã. Seu *fiat* abriu as portas para o Salvador da humanidade e, desta forma, a Mãe de Jesus Cristo torna-se extremamente importante para a vida cristã.

### 3 O PAPEL DE MARIA NA VIDA CRISTÃ

#### 3.1 O papel de Maria na economia da salvação

Com o intuito de abordar o papel de Maria na vida cristã, pretende-se primeiramente analisar seu papel na economia da salvação. Segundo João Paulo II (1987), a Mãe do Redentor, predestinada desde toda a eternidade, tem um lugar preciso no plano da salvação. Em sua Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, o papa reflete sobre o significado que Maria tem no mistério de Cristo e sobre sua presença ativa e exemplar na vida da Igreja” (JOÃO PAULO II, 1987, n.1).

O plano da salvação realiza-se pelo cumprimento de uma promessa: “Pois bem, o próprio Senhor vos dará um sinal. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel” (Is 7, 14). Tal promessa se cumpriu em Maria e o Filho de Deus se fez carne em seu seio. Percebe-se então, que é impossível falar da realização do plano salvífico sem deixar de falar sobre Maria – a virgem na qual se cumpriria a promessa.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a Virgem de Nazaré foi predestinada por Deus para ser a Mãe do Salvador, para gerar seu Filho segundo a carne:

Deus enviou seu Filho (Gl 4,4), mas, para ‘formar-lhe um corpo’ quis a livre cooperação de uma criatura. Por isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe de seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré na Galileia, “uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria” (Lc, 1,26-27)”. (CIC 488).

Segundo desígnio divino, a predestinada para ser a Mãe do Salvador seria concebida imaculada. Não convinha que o Verbo encarnado, vindo para resgatar o homem do pecado, nascesse numa carne corrompida. A tradição católica confirma esta verdade pelo dogma da imaculada concepção de Maria:

O intelecto do povo cristão não teria podido conceber que a carne de Cristo, pura, inocente e sem mancha, tivera origem no seio de Maria por carne contaminada – mesmo apenas por um instante. E por que tudo isso se não pelo fato de que Deus está inteiramente longe do pecado? Esta é, sem dúvida, a origem da convicção comum de todos os cristãos: que o Filho de Deus, antes de assumir a condição humana e de lavar nossos pecados com o sangue dele, teve de conceder a Maria a graça e o privilégio especial de ser preservada imune, desde o primeiro instante da concepção, de todo tipo de mancha do pecado original. (SAMPEL, 2017, p. 63).

Concebida sem pecado, Maria viveu as realidades próprias de seu tempo unida ao povo de Israel e foi introduzida no mistério de Cristo definitivamente pelo evento da anunciação.

Este acontecimento:

[...] Deu-se em Nazaré, em circunstâncias bem precisas da história de Israel, o povo que foi o primeiro destinatário das promessas de Deus. A Anunciação [...] é a revelação do mistério da Encarnação exatamente no início da sua realização na terra. A doação salvífica que Deus faz de si mesmo e da sua vida, de alguma maneira a toda a criação e, diretamente, ao homem, atinge no mistério da Encarnação um dos seus pontos culminantes. Isso constitui, de facto, um vértice de todas as doações de graça na história do homem e do cosmos. Maria é a “cheia de graça”, porque a Encarnação do Verbo, a união hipostática do Filho de Deus com a natureza humana, se realiza e se consuma precisamente nela. Como afirma o Concílio, Maria é “Mãe do Filho de Deus e, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo; e, por este insigne dom de graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra”. (JOÃO PAULO II, 1987, n.8 e 9).

Mas, segundo Pio XIII, o privilégio de ser a Mãe do Salvador não a privaram das dores e angústias vividas por todo ser humano. Os textos dos Evangelhos nos atestam os infortúnios pelos quais precisou passar a Mãe do Salvador. Em contrapartida, estes privilégios concedidos por Deus associaram-na ao mistério da redenção e garantiram-lhe alcançar tão grande altura que a nenhum outro foi concedido:

[...] A virgem Maria, durante a sua peregrinação terrestre, levou vida cheia de cuidados, angústias e sofrimentos; e que, segundo a profecia do santo velho Simeão, uma espada de dor lhe traspassou o coração, junto da cruz do seu divino Filho e nosso Redentor. [...] Os fiéis iluminados pela graça e abrasados de amor para com aquela que é Mãe de Deus e nossa Mãe dulcíssima, compreenderam cada vez com maior clareza a maravilhosa harmonia existente entre os privilégios concedidos por Deus àquela que o mesmo Deus quis associar ao nosso Redentor. Esses privilégios elevaram-na a uma altura tão grande, que não foi atingida por nenhum ser criado, excetuada somente a natureza humana de Cristo. (PIO XIII, 1950, n.14).

Dito isto, compreende-se que Deus executa seu plano de salvação na plenitude dos tempos. Este momento fixado pelo Pai marca o momento exato em que em que o Espírito Santo:

[...] Que já tinha infundido a plenitude de graça em Maria de Nazaré, plasmou no seu seio virginal a natureza humana de Cristo. A mesma “plenitude” denota aquele momento, em que, pelo ingresso do eterno no tempo, do divino no humano, o próprio tempo foi redimido e, tendo sido preenchido pelo mistério de Cristo, se torna definitivamente «tempo de salvação». (JOÃO PAULO II, 1987).

Verifica-se então, o papel singular que a virgem Maria ocupa na economia da salvação. Além do mais, “tem sido constante da parte da Igreja a consciência de que Maria apareceu antes de Cristo no horizonte da história da salvação. [...] Ao aproximar-se definitivamente a

“plenitude dos tempos”, [...] sua Mãe já existia sobre a terra (JOÃO PAULO II, 1987, n. 3). É notório que a Virgem Maria tem precedência em relação à vinda do Salvador na história do gênero humano. Aquela que resplandecia como aurora precede o nascer do sol (Cf. Ct 6,10), mas sua presença era tão discreta que passava quase despercebida aos olhos do seu povo.

Em Maria reflete-se o exemplo vivo da maneira e do agir de Deus na história da salvação. O modo do agir de Deus confunde o olhar humano! Na simplicidade e escondimento da Virgem de Nazaré encontravam-se toda a força e majestade do Altíssimo:

María é o exemplo desta desproporção divina entre o que se vê por fora e o que acontece por dentro. O que era Maria exteriormente, em sua aldeia? Nada de vistoso. Provavelmente, para seus parentes e conterrâneos, ela era simplesmente “a Maria”, uma menina simples, bem-comportada, mas sem nada de extraordinário. [...] Falando dela, é preciso sempre lembrar as duas características do estilo de Deus que, como vimos, são a simplicidade e magnificência. Em Maria, a magnificência da graça e da vocação convive com a mais absoluta simplicidade e senso prático. (CANTALAMESSA, 1992, p. 39).

Ao acolher a importância do papel de Maria na história da salvação, no decorrer da história da Igreja e ao longo dos séculos, muitos estudiosos tentaram delinear historicamente a imagem de Maria. Neste ponto, voltar aos textos bíblicos, à Igreja primitiva e à Tradição foi fundamental. Verificou-se que se pode tentar fazer uma aproximação histórica do mistério de Maria, percorrendo a vivência da igreja primitiva “a partir do acontecimento da Páscoa até o encerramento da revelação apostólica” (PAREDES, 1997, p. 28). Mas, a experiência pascal da Igreja primitiva a impulsionou a cumprimento da ordem de Jesus de fazer discípulos e batizar (Cf. Mt 28, 19). Na sua fase inicial limitou-se ao anúncio do querigma e da catequese, na transmissão da tradição sobre a morte e ressurreição de Jesus, seu ministério público, seus sinais e palavras. Houve, porém, silêncio sobre as tradições da infância de Jesus e das “tradições que poderiam chamar de marianas ou mariológicas. Conforme nos indicam as fontes dos Atos dos Apóstolos, no querigma primitivo se proclamava e pregava a ação messiânica de Jesus, desde seu batismo no Jordão até sua glorificação (PAREDES, 1997, p.30). Segundo o autor, comprova-se que Maria não ocupou nenhum posto de destaque na comunidade e as fontes bíblicas reconhecidas como as mais antigas, silenciaram sua figura. Afirma-se que o silêncio em torno da figura de Maria, não ocorre somente devido à urgência da primeira evangelização na igreja primitiva, mas também pelo fato de:

[...] Silêncio humilde daquela mulher que podia ser a fonte de primeira mão da revelação, no que a ela se referia. Maria não quis que a sua figura constituísse o

centro da Igreja, nem procurou exercer espécie alguma de magistério que pudesse desvirtuar a centralidade de seu Filho. Ela foi o grão de trigo que morre, mas que, depois de morto, produz muito fruto”. (PAREDES, 1997, p. 33).

Em contrapartida, “a mariologia contemporânea parece caracterizada por uma curva evolutiva, que começa por um marcante interesse pela vida concreta de Maria” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 822). Entende-se que tal interesse por sua existência terrena está fundamentado no mistério salvífico. Paulo V (1967) cita que em sua fidelidade, Maria coopera com Deus em seu desígnio de salvação. Como Mãe da Igreja, coopera no desenvolvimento da vida divina nas almas e influencia cada um de seus filhos com seu exemplo. Segundo o papa, a santidade de Maria é exemplo de fidelidade à graça:

É bom, além disso, ter presente que a eminente santidade de Maria não foi apenas um dom singular da liberalidade divina: foi também o fruto da contínua e generosa correspondência da sua livre vontade às moções interiores do Espírito Santo. É por motivo da perfeita harmonia entre a graça divina e a atividade da sua natureza humana que a Virgem rendeu suprema glória à Santíssima Trindade e se tornou honra insigne da Igreja, que como tal a saúda na Sagrada Liturgia: “Tu (és) a glória de Jerusalém, tu (és) a alegria de Israel, tu (és) a honra do nosso povo”. (PAULO VI, 1967, n.4).

Cooperando com Deus no mistério da salvação e sendo exemplo de fidelidade para a vida cristã, Maria propõe um meio eficaz que muito pode auxiliar seus filhos a percorrerem o mesmo caminho: o seu Rosário. A devoção do santo Rosário é-nos apresentado pela Santa Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, como condão que conduz à fé nos mistérios salvíficos e, conseqüentemente, à fidelidade a Deus. Como reflete João Paulo II, o Rosário, “oração tão fácil e ao mesmo tempo tão rica merece verdadeiramente ser descoberta de novo pela comunidade cristã” (JOÃO PAULO II, 2002, n. 43). E fazendo suas as palavras do Beato Bártolo Longo, apóstolo do Rosário, faz sua súplica a doce Mãe de Deus:

Ó Rosário bendito de Maria, doce cadeia que nos prende a Deus, vínculo de amor que nos une aos Anjos, torre de salvação contra os assaltos do inferno, porto seguro no naufrágio geral, não te deixaremos nunca mais. Serás o nosso conforto na hora da agonia. Seja para ti o último beijo da vida que se apaga. E a última palavra dos nossos lábios há de ser o vosso nome suave, ó Rainha do Rosário de Pompeia, ó nossa Mãe querida, ó Refúgio dos pecadores, ó Soberana consoladora dos tristes. Sede bendita em todo o lado, hoje e sempre, na terra e no céu. (JOÃO PAULO II, 2002, n.43).

Cumulada de ricas bênçãos, sua presença materna pode auxiliar todo cristão a conquistar a vida de santidade tão querida por Deus. A fim de percorrer tal caminho, cada fiel devoto pode, não só contemplar, mas também, imitar as virtudes de Maria.

### 3.2 As virtudes de Maria, um modelo para a Igreja

Na carta aos Filipenses, São Paulo exorta sobre as virtudes que devem ocupar a vida do cristão (Cf. Fl 4,8). Segundo o apóstolo, tudo o que é bom e virtuoso merece louvor e merece ser imitado. Na pessoa virtuosa há uma disposição habitual e firme para fazer o bem, praticar atos bons, dar o melhor de si em favor do próximo (CIC 1803). Verifica-se então, que cada povo e religião elegem modelos de virtude a serem seguidos:

Todo povo tem os seus modelos de vida que são transmitidos mediante relatos míticos, parábolas, cantos, imagens, fórmulas legais, ditos populares, etc. [...] Toda religião tem os seus modelos, que ela apresenta ao homem para ajudá-lo a entrar em contato com a divindade. [...] No cristianismo Deus é proposto explicitamente como modelo: “Deveis, portanto, ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48), diz Jesus, mostrando também “em quê” Deus é modelo e deve ser imitado: “Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,44-45). (DE FIORES; MEO, 1995, p. 903).

À luz das palavras de Jesus todo cristão, à imitação do Pai, deve ser modelo de santidade. Mas, a concupiscência muitas vezes o arrasta para longe deste ideal evangélico. Por isso, a Igreja convida-nos a olhar para aquela que reflete com perfeição os traços do Senhor: Maria, evangelho vivo, modelo concreto das virtudes. A *Lumen Gentium* elucida esta verdade:

[...] Na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (Cf. Ef. 5,27), os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos. (LG 65).

Segundo Paulo VI (1967), em sua Exortação Apostólica *Signum Magnum*, Maria, a Mãe da Igreja, coopera no desenvolvimento da vida divina das almas com seu exemplo e suas virtudes. Maria, foi a fiel serva do Senhor, sua vida foi de amoroso serviço, viveu em perfeita comunhão com o Filho partilhando com Ele dores e alegrias. Mesmo após a ascensão de Jesus ao céu, manteve-se “unida a Ele por um ardentíssimo amor, enquanto cumpria com fidelidade a nova missão de Mãe espiritual do discípulo predileto e da Igreja nascente” (PAULO VI, 1967, n.6). Perante o esplendor das suas virtudes e por Deus ter realizado nela grandes obras, a Mãe de Cristo é reconhecida como modelo da Igreja, modelo a ser imitado pelos cristãos. Paulo VI afirma que, apesar da Igreja afirmar que Jesus Cristo é o modelo absoluto de santidade a ser imitado e único caminho para se chegar ao Pai:



[...] A imitação da Virgem Maria, longe de afastar as almas do fiel seguimento de Cristo, o torna mais amável, mais fácil; na verdade, havendo Ela cumprido sempre a vontade de Deus, mereceu em primeiro lugar o elogio que Jesus Cristo dirige aos discípulos: “Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (*Mt* 12,50). (PAULO VI, 1967, n.8).

Afirma Leão XIII (1982) que o cristão, ao olhar para o esplendor da perfeição dos mistérios de Cristo Deus e homem comparando-se a Ele, poderia ser aterrado pela consciência de sua fragilidade e sentir demasiado desânimo ao constatar seu estado de pobreza interior. Por isso, Deus convida à contemplação dos mistérios de sua mãe santíssima que, quanto mais foi elevada, tanto mais se proclama a humilde serva do Senhor e se julga destituída de toda virtude. Compreende-se que sua humildade excede a de todos os santos e a de toda corte celeste. Mas aprouve a Deus nos dar Maria como modelo de todas as virtudes:

Porque, considerando-a e contemplando-a, as nossas almas já não ficam ofuscadas pelos fulgores da divindade, senão que, atraídas pelos vínculos íntimos de uma comum natureza, com maior confiança se esforçarão por imitá-la. Se, amparados pelo seu eficaz auxílio, nós nos dedicarmos com todas as nossas forças a esta obra, certamente conseguiremos reproduzir em nós ao menos algum traço de tão grande virtude e santidade; e, depois de havermos imitado a sua admirável conformidade com as divinas vontades, poderemos juntar-nos a Ela no céu. (LEÃO XIII, 1982, n.7).

Compreende-se que todo cristão é chamado a ser modelo de virtudes quando realiza sua vocação. Maria realizou sua vocação com excelência – os primeiros cristãos o perceberam nitidamente:

Em Maria, os primeiros cristãos percebem não só a face física, mas também a fisionomia espiritual do Senhor, seu Filho; a primeira dos crentes, a primeira dos salvos e remidos, membro da primeira igreja. Maria participa da missão santificadora de Cristo maternalmente, exemplarmente. (DE FIORES; MEO, 1995, p. 904).

Fiel às leis da comunidade judaica em que viveu e às exigências de sua maternidade divina, manteve-se sempre presente e disponível às necessidades de seu Filho, desde o nascimento em Belém até o calvário. Nas Escrituras, não há relatos de elogios feitos à sua pessoa, exceto as palavras do anjo e de Isabel (Cf. *Lc* 1,26-55). Porém, existe a realidade inegável de sua vida exemplar, das suas atitudes perante o mistério que é o próprio Cristo. Desta forma, os evangelistas identificam três atitudes que sobressaem nela: a primeira é a fé (Cf. *Lc* 1,45) expressa em sua resposta radical e confiante no momento da anunciação – sua resposta se manterá firme até o fim – mesmo quando nem tudo se mostrar claro, ela continua firme, confia em Deus; ao se declarar com simplicidade “serva do Senhor” (Cf. *Lc* 1,38),

evidencia sua total disponibilidade em cumprir a vontade do Altíssimo em todo seu agir assim como seu filho; a terceira atitude evangélica, é o dom do coração, a resposta de amor – em Maria o amor transborda em sua maternidade divina (DE FIORES; MEO, 1995, p. 905).

Tanquerey (2018), ao falar sobre as virtudes da Virgem Maria, aprofunda ainda mais o que está explícito nos Evangelhos. Afirma que a fé de Maria é profunda, pois a fez crer sem vacilar nas coisas que o anjo lhe anuncia da parte de Deus. E Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, confirma com suas palavras a fé de Maria: “Bem-aventurada és tu que crêste, pois se não de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas!” (Cf. Lc 1, 45). O autor destaca a virgindade que é revelada na resposta dada ao anjo: “Como se fará isso, pois não conheço homem? (Cf. Lc 1,34). Aqui destaca-se claramente sua determinação em permanecer virgem “mesmo que isso significasse sacrificar a dignidade da Mãe do Messias” (TANQUEREY, 2018, p. 113). Também a virtude da sua profunda humildade é constatada quando a virgem se encontra perturbada diante da saudação angélica e dos elogios feitos a ela quando é revelado que é a “cheia de graça” (Cf. Lc 1,28).

Segundo Paulo VI (1967), Maria coopera junto ao Filho no desenvolvimento da vida divina das almas e exerce sobre os homens, a influência do exemplo. Por isso, Leão XIII (1982) compreende que o povo cristão tem um amor cada vez mais crescente à gloriosa mãe de Deus. O afeto e piedade para com ela é fruto que brota na inteligência dos seus filhos, gerando neles, sentimentos de alegria. Estes sentimentos brotam da percepção de que Deus a amou primeiro, a elevou acima de todas as criaturas, enriqueceu-a com excelentes dons, e a escolheu para ser a sua mãe:

Depois de Jesus, Maria é o mais belo modelo que devemos imitar. O Espírito Santo que habitava em Maria em razão dos méritos do seu Filho, fez dela uma imagem viva das virtudes de Jesus. Jamais cometeu a mínima falta leve ou teve a mínima resistência à graça, levando à letra o “seja feito conforme a tua vontade”. Por isso os Santos Padres, sobretudo Santo Ambrósio e o Papa São Libério, apresentam-na como modelo perfeito de todas as virtudes. (TANQUEREY, 2018, p. 113).

Tanquerey (2018) afirma que, mesmo sendo modelo tão perfeito, o cristão sente-se atraído por essa criatura tão simples como nós. Maria é uma irmã, uma Mãe que Deus nos convida a imitar manifestando-lhe nossa gratidão, veneração e amor. É um modelo fácil de imitar pois santificou-se na vida comum, no cotidiano, nos trabalhos domésticos, na vida oculta, cumprindo seus deveres de jovem e de mãe. Segundo o autor, imitar a Santíssima

Virgem, é o caminho mais seguro para imitar Jesus. Em suma, a verdadeira devoção consiste na imitação:

A atenção de Maria fez nascer o culto mariano: Padres e doutores, mestres de oração e de santidade antigos e contemporâneos apresentam Maria como modelo de vida, ressaltando a urgência de passar da devoção à imitação, do pedido de proteção ao compromisso pessoal para viver na própria vida a santidade de Maria. A exemplaridade de Maria, com efeito, vem de Deus e a Deus deve levar a imitação dela [...]. (DE FIORES; MEO, 1995, n. 905).

Este desejo de imitá-la é fruto da sua santidade – Maria é modelo de santidade para a vida cristã – é modelo de santidade para a igreja que é una, é povo de Deus, mas é também comunhão de pessoas, pluralidade de indivíduos. Desta forma, “Maria apresenta-se em vários níveis, também como modelo para cada um dos discípulos de seu Filho” (DE FIORES, MEO, 1995, p.1195). Sua obediência absoluta à vontade de Deus tem atraído aqueles que desejam imitá-la. Importante salientar que a virgem Maria obedeceu a Deus, mas não foi uma obediência cega – ela obedeceu com inteligência. Antes de aderir a proposta do anjo, dialoga, procura analisar cada palavra não só pela fé, mas à luz da razão. Ela sabe que se consentir com a vontade de Deus seu sim será definitivo e, por isso mesmo, reflete. A virtude de obedecer com inteligência “ao invés de ser algo proibido, é obrigação, mandamento. A obediência é uma fase do diálogo interpessoal entre o homem e Deus; supõe, portanto, presença vigilante, atenção lúcida, compreensão profunda” (DE FIORES; MEO, 1995, p. 1195). Maria exprime exemplaridade como pessoa que obedeceu a Deus, fato que exprime a vida de quem teme a Deus com uma fé livre.

A fé livre e inteligente está aliada à escuta e à contemplação das verdades reveladas. Maria é a virgem que escuta a palavra, guarda no coração (Cf. Lc 2,19) e a põe em prática com profunda disponibilidade. Desta forma, sua peregrinação é também a da fidelidade incondicional aos propósitos de Deus – modelo de virtudes assegura ao cristão o caminho da santidade. Nesta via, cada cristão aprende dela o meio mais excelente na transmissão do Evangelho.

### **3.3 Maria, Mãe da evangelização**

A evangelização consiste na transmissão do Evangelho, ou seja, a transmissão da pregação de Jesus, das verdades reveladas por Ele e que foram codificadas e transmitidas através dos textos sagrados. A Igreja em obediência ao mandato de Cristo exerce a missão de

pregar, anunciar, transmitir o Evangelho. Cabe a cada evangelizador, após a escuta atenta da Palavra, transmiti-la com fidelidade. Entende-se que Maria, presente no Evangelho, tem seu papel de anunciadora, exerce pessoalmente a evangelização na Igreja e no mundo. Os primeiros evangelizadores foram os apóstolos, mas toda a Igreja assumiu a missão confiada por Jesus (Cf. Mt, 19-20). Assumindo sua maternidade divina e gerando em seu seio o Verbo feito carne para a salvação do mundo, cheia do Espírito Santo, Maria se torna ao mesmo tempo evangelizada e evangelizante. Desta forma, colabora com o anúncio do Evangelho cujo ponto de partida e objetivo é Cristo Salvador do homem. Portanto, toda a ação evangelizadora de Maria e da Igreja deve ser cristocêntrica (DE FIORES; MEO, 1995, p. 500 – 501).

Gonzáles (1990) afirma que a vocação de Maria é essencial na sua missão evangelizadora – sua vocação é conferida pelo próprio Deus: ser mãe do Salvador. Compreende-se então, que o anúncio do anjo é o prelúdio da sua ação evangelizadora – o Verbo de Deus fecundado em seu ventre é a boa-nova que deve ser levada às nações. Ela participa plenamente da obra libertadora de Cristo, sendo assim, é também, a primeira evangelizada:

A partir do anúncio do anjo até a consumação de sua vida, recebe a boa nova sobre quem é seu Filho, e ela mesma vai-se transformando pela fé para ser, por sua vez, como Mãe que aceita a missão que lhe determina o Pai, evangelizadora da Igreja. (GONZÁLEZ, 1990, p. 25).

Seu *fiat* é, sem dúvida, abertura à boa-nova – por seu consentimento, Maria é a primeira a participar consciente e livremente da salvação messiânica cumprida em seu Filho. Ao mesmo tempo que acolhe a Palavra Deus em seu seio, gera o Cristo Salvador da humanidade. A Igreja deve seguir seu caminho – gerar para a salvação os membros de Cristo (GONZÁLEZ, 1990).

O Papa Francisco (2013), ao falar sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, acentua que o encontro pessoal com Jesus Cristo gera alegria ao coração. Os que se deixam alcançar por Ele são libertos do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento. O encontro pessoal com Jesus é marcadamente fonte de alegria que deve ser comunicada a todas as gentes. Mas, diante de um mundo extremamente individualista e consumista o cristão corre o risco de perder o rumo e afastar-se de Deus. Por isso o Papa Francisco convida aos cristãos que renovem seu encontro pessoal com Jesus, principalmente os que se encontram feridos e magoados, devem voltar para Ele, pois:

Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar ‘setenta vezes sete’ (Mt 18,22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete[...] Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. (FRANCISCO, 2013, n. 3).

Segundo o Papa Francisco (2013), Maria participou da plena alegria da salvação, prenunciada desde o Antigo Testamento e que seria abundante nos tempos messiânicos. Mas não só ela – toda a criação participa conjuntamente desta alegria: “Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! Rompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e se compadece dos desamparados” (Cf. 49, 13). Desta forma, há momentos chave em que a vida de Maria é marcada por esta alegria: o início da saudação angélica começa com o “Alegra-te cheia de graça” (Cf. Lc 1, 28); na visita à sua prima Isabel, João salta de alegria no ventre de sua mãe (Cf. Lc 1,41); exultando de alegria Maria entoa o Magnificat (Cf. Lc 1,47).

Mas, a convite de González (1990), voltemos à anunciação! O autor enfatiza que a anunciação é considerada como ponto de partida da missão evangelizadora de Maria. Ela é a mãe biológica de Jesus, mas sua maternidade engloba toda a pessoa messiânica do Salvador. Em seu *fiat*, Maria assume com serenidade e confiança os planos do Senhor e aceita colaborar com toda a obra da reconciliação da humanidade com Deus. Prova disso é que no início do ministério público de Jesus ela estava presente. O evangelista João narra aquele momento crucial em que Cristo é impulsionado por sua mãe e, ali, à vista de todos, realiza seu primeiro milagre despertando a fé dos discípulos (Cf. Jo 2, 1-11).

Sempre presente, segue seu Filho em toda a sua existência terrena, até o calvário: a dor do seu Filho será também a sua:

Seria demasiado redutivo entender as dores de Maria como limitadas à cruz ou a certos momentos da vida de Jesus, ou então contemplá-las do ponto de vista de compaixão emotiva, e não de seguimento na missão. Não se trata de dores que aconteceram por acaso, mas foram consequência de uma missão messiânica, de maneira semelhante à sua aceitação do seu Filho. [...] É preciso ver que esse mistério deve integrar-se no conjunto do plano do Pai que engloba também (e sobretudo) o término da ressurreição e da missão da Igreja (GONZÁLEZ, 1990, p. 324).

A vocação de Maria transborda em sua missão que se dá em correspondência com a missão do seu Filho Jesus Cristo. Pode-se arriscar dizer que a missão evangelizadora de ambos ocorre como num processo de simbiose.

Papa Francisco (2013) afirma que Jesus é o primeiro e o maior evangelizador, em qualquer obra evangelizadora o primado é sempre de Deus, a iniciativa é sempre dele. Mas, como Maria e os apóstolos, somos sempre convidados por ele ao cumprimento desta tarefa tão exigente e desafiadora. E enfatiza que:

[...] A evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’. (FRANCISCO, 2013, n. 14).

Impulsionado pela Constituição Dogmática *Lumen gentium*, Papa Francisco (2013) exorta a Igreja a cumprir o mandato de Jesus “Ide, pois, fazei discípulos a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Cf Mt 28, 19-20). E rememorando todo o dinamismo do caminho percorrido pelo povo de Deus, desde os seus primórdios no AT, recorda Abraão (Cf. Gn 12, 1-3), Moisés (Cf. Ex 3,10. 17) e Jeremias (Cf. Jr 1,7), que ouviram o convite da parte de Deus em deixar sua terra e partir em missão. Seguindo a riqueza e inspiração dos textos bíblicos, o papa destaca a grande e árdua tarefa de uma Igreja em “saída” – comunidade de discípulos missionários. Grandes são os desafios, mas Cristo deve ser levado a todos os povos!

A exemplo de Maria, primeira evangelizada e evangelizadora, o missionário deve ter intimidade com a Palavra e ouvidos atentos, pôr-se à escuta de Deus, mas também, à escuta do povo: fé proclamada não pode ser desencarnada da realidade. Como Maria esteve inserida e atenta às realidades do seu povo, sempre pronta a servir, da mesma forma o cristão, em sua ação evangelizadora, deve estar aberto a tudo isso, inclusive, ao diálogo inter-religioso. O Papa Francisco (2013) acentua que Maria é a Mãe da evangelização.

Unida com o Espírito Santo, caminha junto ao povo, é a Mãe da Igreja evangelizadora ajudando-a a compreender o espírito da nova evangelização:

[...] Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo. Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai Lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: “Mulher, eis o teu filho!” E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: “Eis a tua mãe!” (Jo 19, 26-27). Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, [...] exprimem [...] uma fórmula de revelação que manifesta o mistério duma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. [...] Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. [...] Ela é a missionária que Se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno. (FRANCISCO, 2013, n. 285).

Segundo o Papa Francisco, Maria tem lugar de destaque na evangelização, é a Estrela da nova evangelização. Mulher de fé, na sua excepcional peregrinação, representa um ponto de referência para a Igreja – sendo assim, na Igreja há um estilo mariano na atividade de evangelizar. Unidos a ela pedimos que “nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores” (FRANCISCO, 2013, n. 287). Invoquemos a Maria, Estrela da nova evangelização:

Virgem e Mãe Maria, Vós que, movida pelo Espírito, acolhestes o Verbo da vida na profundidade da vossa fé humilde, totalmente entregue ao Eterno, ajudai-nos a dizer o nosso “sim” perante a urgência, mais imperiosa do que nunca, de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus. Vós, cheia da presença de Cristo, levastes a alegria a João Batista, fazendo-o exultar no seio de sua mãe. Vós, estremeçando de alegria, cantastes as maravilhas do Senhor. Vós, que permanecestes firme diante da Cruz com uma fé inabalável, e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição, reunistes os discípulos à espera do Espírito para que nascesse a Igreja evangelizadora. Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados para levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte. Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga. Vós, Virgem da escuta e da contemplação, Mãe do amor, esposa das núpcias eternas intercedei pela Igreja, da qual sois ícone puríssimo, para ela nunca se feche nem se detenha na sua paixão por instaurar o Reino. Estrela da nova evangelização, ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres, para que a alegria do Evangelho chegue até aos confins da terra e nenhuma periferia fique privada da sua luz. Mãe do Evangelho vivente, manancial de alegria para os pequeninos, rogai por nós. Amém. Aleluia! (FRANCISCO, 2013, n. 288).

Maria é a mulher de fé que aponta para seu Filho Jesus Cristo como único caminho de salvação. Ela é a Mestra na arte de evangelizar. Todo cristão pode imitá-la e seguir seus passos seus passos como discípulo -missionário.

## CONCLUSÃO

Diante da investigação e análise de vários documentos da Igreja católica, especialmente a exposição de vários pontífices, como também de estudiosos renomados e fundamentados no Magistério, percebe-se que o Rosário da Virgem Maria é via de espiritualidade para a vida cristã. Partindo de bases tão sólidas, que foram sendo assimiladas ao longo de todo o percurso deste estudo, pode-se atestar a contribuição da Mariologia para a Teologia. A Virgem Maria, predestinada por Deus desde toda a eternidade, ocupa lugar de destaque na economia da salvação. Em vista dos méritos do Seu Filho Jesus Cristo, concebida imaculada, é grande mestra na vida cristã e modelo de virtudes. Virgem do silêncio, quer conduzir cada fiel a contemplar os mistérios salvíficos da vida de Cristo – foi a primeira discípula a vislumbrar as cenas do Evangelho – portanto, cada discípulo do Senhor pode contemplá-Lo pelo olhar de sua Mãe. A via deixada por ela como caminho de contemplação é o seu Rosário - como Mãe da Igreja, confiou a seus filhos a “doce cadeia que nos prende a Deus” pelas mãos de São Domingos.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Carlos; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial. As janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo. *In*: IWASHITA, Kuniharu (org.). **Maria na vida da Igreja: Graça e Esperança**: Lumen Gentium 60-69. Aparecida, SP: Santuário, 2013. Cap. 5.
- BAUM, William Cardinal; ORTAS, Antônio M. Javierre. **Congregação para a educação católica**: A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual. Roma, 1988. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19880325\\_vergine-maria\\_po.html#\\_ftn25](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880325_vergine-maria_po.html#_ftn25)>. Acesso em: 10 de out. de 2021. 17:14.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson (Coord.). Nova ed. rev. amp. São Paulo: Paulus, 2002. 2210 p.
- CANTALAMESSA, Raniero. **Maria um espelho para a Igreja**. Tradução de Lino Rampazzo. São Paulo: Santuário, 2019.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
- CORDEIRO A. R., **Mater, Virgo et Regina**: Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria (Portugal -1573); Maringá, 2017. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: CORDEIRO, André Rocha DISSERTAÇÃO Mater, Virgo et Regina Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria Portugal 1573 Mari\_1.pdf. Acesso em: 14 de set. de 2021.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, **O Sensus Fidei na Vida da Igreja**, 2011 a 2014. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20140610\\_sensus-fidei\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html)>. Acesso em: 26 de out. de 2021.
- DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.
- FRANCISCO, Pap. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html#I.\\_Alegria\\_que\\_se\\_renova\\_e\\_comunica](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#I._Alegria_que_se_renova_e_comunica)>. Acesso em: 24 de out. de 2021.
- GONZÁLEZ, Carlos Ignacio, Sj. **Maria, Evangelizada e Evangelizadora**: Conselho Episcopal Latino-americano – CELAM. São Paulo: Loyola, 1990.
- JOÃO XXIII. **Discurso de abertura solene do SS. Concílio**, 11 de outubro de 1962. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html)>. Acesso em: 09 de ago. de 2021.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Familiaris Consortio**, 22 de novembro de 1981. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_19811122\\_familiaris-consortio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html)>. Acesso em: 29 de out. de 2021.

JOÃO PAULO II. **Homilia do Santo Padre no santuário de Nossa Senhora de Zapopán**, 1979. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19790130\\_messico-zapopan.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790130_messico-zapopan.html)>. Acesso em: 06 de out. de 2021.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Mater**, 1987. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html)>. Acesso em 24 de set. de 2021.

JOÃO PAULO II. **Rosarium Virginis Mariae**, 2002. Disponível em: <[Vatican.va/content/johnpaul-ii/pt/apost\\_letters/2002/documents/hf\\_jpii\\_apl\\_20021016\\_rosarium-virginis-mariae.html](http://www.vatican.va/content/johnpaul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jpii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html)>. Acesso em: 22 abr. 2021.

JOÃO XIII. **Carta Apostólica II Religioso Convegno**, 29 de setembro de 1961. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/johnxxiii/pt/apost\\_letters/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apl\\_19610929\\_religioso-convegno.html](http://www.vatican.va/content/johnxxiii/pt/apost_letters/1961/documents/hf_j-xxiii_apl_19610929_religioso-convegno.html)>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

LEÃO XIII. **Supremi Apostolatus Officio**, 1883. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_01091883\\_supremi-apostolatus-officio.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01091883_supremi-apostolatus-officio.html)>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

LEÃO XIII. **Magnae Dei Matris**, 1892. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_08091892\\_magnae-dei-matris.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_08091892_magnae-dei-matris.html)>. Acesso em: 22 de out. de 2021.

MURAD, Afonso Tadeu. **Maria, toda de Deus e tão humana**: Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012. (Coleção peregrina na fé).

PAULO VI. **Sacrosanctum Concilium**, 1963. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)>. Acesso em: 20 de març. de 2021 às 21:40.

PAULO VI. **Lumen Gentium**, 1964. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

PAULO VI. **Cristi Matri Rosarii**, 1966. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_15091966\\_christi-matri.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_15091966_christi-matri.html)>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

PAULO VI. **Exortação apostólica Signum Magnum**, 1967. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19670513\\_signum-magnum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.html)>. Acesso em: 25 de set. de 2021 às 10hs48min.

PAULO VI. **Marialis Cultus**, 1974. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paulvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_pvi\\_exh\\_19740202\\_marialis-cultus.html](http://www.vatican.va/content/paulvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_19740202_marialis-cultus.html)>. Acesso em: 10 de abr. de 2021.

PAREDES, J. C. R. García, CMF: **Maria, a mulher do Reino de Deus**. São Paulo: Ave-Maria, 1997.

PIO XIII. **Munificentissimus Deus**, 1950. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_p-xii\\_apc\\_19501101\\_munificentissimus-deus.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html)>. Acesso em 23 de set. de 2021.

SAMPEL, Edson Luiz (org.). **Principais documentos dos papas sobre Nossa Senhora**: do beato Pio IX a Francisco. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

SESBOÛÉ, B.; BOURGEOIS, Henri, TIHON, Paul. **Os sinais de Salvação (séculos XII – XX)**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SÍNODO DOS BISPOS, 2014. **Instrumentum Laboris**: Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20140626\\_instrumentum-laboris-familia\\_po.html#a\)\\_A\\_crise\\_da\\_f%C3%A9\\_e\\_a\\_vida\\_familiar](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20140626_instrumentum-laboris-familia_po.html#a)_A_crise_da_f%C3%A9_e_a_vida_familiar)>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

TANQUEREY, Pe Adolphe. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**. São Paulo: Cedet, 2018.

